

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
PÓS - GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

TAMBORES: DAS RAÍZES AFRICANAS À MUSICALIDADE NO BRASIL

JOSEANE CARMEN XAVIER LAZZARY

JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – ICH

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LAZZARY, Joseane Carmem Xavier.

TAMBORES: DAS RAÍZES AFRICANAS À MUSICALIDADE NO BRASIL / Joseane Carmem Xavier LAZZARY. – 2016.

71 f.

Orientador: Vinebaldo Aleixo de Souza FILHO

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em História da África, 2016.

1. Tambores africanos. 2. Musicalidade. 3. Manifestações socioculturais. I. FILHO, Vinebaldo Aleixo de Souza, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
PÓS - GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

TAMBORES: DAS RAÍZES AFRICANAS À MUSICALIDADE NO BRASIL

JOSEANE CARMEN XAVIER LAZZARY

Monografia apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História, como requisito para obtenção do grau de Especialista em História da África. Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientador: Msº Vinebaldo Aleixo de Souza Filho.

Juiz de Fora

2017

Tambores: das raízes africanas à musicalidade no Brasil

Joseane Carmen Xavier Lazzary

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Especialização em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Especialista em História da África

Aprovada(o) em -----.

Banca de Avaliação:

Prof. Dr. _____

Assinatura: _____

Prof. Ms. _____

Assinatura: _____

À minha família que sempre acreditou em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Lúcia, avó Maria e meu companheiro e amigo Edmar pela compreensão, paciência e incentivo nessa jornada.

Aos organizadores, professores e monitores que sempre estiveram solícitos para desempenho da turma e andamento do curso.

Sinto grande felicidade e gratidão pelo convívio, aprendizado e carinho oferecidos por minhas grandes amigas Aline Marques e Cynthia Filipino.

Ao meu orientador Vinebaldo Aleixo, que apesar da distância sempre muito presente com estímulo, atenção, respeito para com as minhas limitações. Tornou-se um companheiro para o desenvolvimento desse trabalho, muito obrigada.

RESUMO

LAZZARY, Joseane. Tambores: das raízes africanas à musicalidade no Brasil. Orientador: Profº Vinebaldo Aleixo de Souza Filho. UFJF. ICH, 2017. 69 p. Monografia (Especialização em História da África).

Este trabalho apresenta proposta de material didático para trabalhar a temática História da África e das culturas africana e afro-brasileira. O foco são os tambores na África, analisando sua utilização na musicalidade, seja em rituais religiosos ou manifestações socioculturais e seus reflexos no Brasil. É composto por um explicativo sobre o material didático para o professor; textos informativos, imagens, indicações para aprofundamento do assunto e atividades para os alunos.

Palavras - chave: Tambores africanos, Musicalidade, manifestações socioculturais

SUMÁRIO

PARTE I - APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Introdução.....	7
O ensino de história da África e das culturas africana e afro-brasileira através da musicalidade.....	9
Objetivos.....	14

Colocando em prática a proposta.....	15
Conclusão da proposta.....	19
PARTE II - O MATERIAL DIDÁTICO	
TAMBORES: DAS RAÍZES AFRICANAS À MUSICALIDADE NO BRASIL	
A ligação do Brasil com a África.....	20
Os tambores na África.....	22
Ngoma e Ligoma.....	24
Tambores Batá.....	25
Bumbo/Bombo.....	27
Atabaques/Tambaques.....	27
Djembê.....	28
Dundun.....	29
Influências dos tambores: da África para o Brasil.....	30
Batuque.....	31
Candomblé.....	32
Capoeira.....	32
Carimbó.....	32
Congada.....	33
Jongo.....	34
Lundu.....	34
Maracatu.....	35
Maxixe.....	35
Samba.....	36
Tambor de Crioula.....	36
Umbigada.....	37
Aprofundando.....	37
Complementando.....	41
Glossário.....	44
PARTE III - PORTFÓLIO	
História de vida e Memórias: Reescrita da carta de intenção.....	48
Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis..	54
Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas	60
Considerações finais	64
REFERÊNCIAS.....	66

PARTE I – APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

INTRODUÇÃO

A nossa história por muito tempo beneficiou, com maior intensidade, a postura europeia, deixando em segundo plano a história da África, dos negros e também dos povos indígenas que trouxeram e ainda trazem contribuições para a cultura, e antes disso, para a formação do povo brasileiro.

O estudo do continente africano é muito importante não só para o entendimento das populações, suas dinâmicas e culturas, possibilita a correção de referências equivocadas, além do denso conhecimento sobre suas características, realidades e também a compreensão da situação atual do Brasil, que podem ser adquirido. Muitos fatores de nossa história ficam com interpretações superficiais ou subestimadas pela ausência de informações históricas e explicações.

Essa situação, muitas vezes, é propagada por professores que por fragilidade no conhecimento do tema são impedidos de diminuir e até romper com a visão negativa do continente, através de embasamento teórico. Isso fica evidente no Brasil pelo fato de muitos professores, que já formaram ou que ainda se formarão, não terem tido contato com disciplinas específicas sobre História da África. E completando essa situação, livros didáticos pouco abordam ou mostram informações deturpadas, sobre a temática, o que inclui silenciar, produzindo e reproduzindo estereótipos, além da visão eurocêntrica que na maioria das vezes prevalece.

O etnocentrismo é um fenômeno comum a diferentes povos e pressupõe que os valores de um determinado grupo ou país são melhores e superiores aos demais. No entanto, é com o etnocentrismo europeu (ou eurocentrismo), que temos esse fenômeno associado ao racismo, de modo a justificar relações de dominação e exploração de outros povos, vistos como inferiores e selvagens.

O papel europeu nesse sentido era levar civilidade para esses povos, mas em nenhum momento passaram a ver a partir desses outros espaços, entendê-los, respeitá-los e aceitá-los. O ponto alto da questão não está apenas em se constatar as diferenças, mas sim em aprender a lidar com elas. No dia a dia e na historiografia, ainda temos resquícios dessa postura. A rejeição do outro, combinada com a dominação, assumiu uma forma de fazer com que fossem reprimidos e

sufocados aspectos culturais de determinadas sociedades ou grupos, como o continente africano.

Os livros didáticos, em função mesmo do seu destino e de sua natureza, carregam um valor de autoridade, como se carregassem uma verdade incontestável. Esse valor de verdade está ligado à postura de que, se o aluno sabe seu conteúdo passa nas provas. Logo, seu saber tende a ser visto como algo sério e correto. Os estudantes são testados, com base no seu conteúdo, o que faz com que as informações neles contidas acabem se fixando na memória e com ela posicionamentos e imagens, na maioria das vezes, etnocêntricas.

Com a lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, ficou estabelecida a obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas africana e afro-brasileira e indígena no currículo da educação básica em todas as escolas, públicas e particulares, portanto, os professores exercem importante papel nesse processo. Uma das intenções dessa lei é que professores e alunos passem a construir, a partir dos estudos sobre a África e o Brasil, um novo currículo, embasado numa nova concepção de educação, pautada no respeito e promoção da igualdade étnica, cultural e racial.

No dia 9 de janeiro de 2017 a lei 10.639/03 completou 14 anos. Segundo Petrolina Gonçalves e Silva¹ aumentou o número de professores preocupados com a educação das relações étnico-raciais, mas ainda continua sendo iniciativa individual ou de um grupo de professores e não como política sistemática das escolas, como desejado. O que se tem notado é ainda o caráter episódico de algumas atividades e projetos restritos ao mês de novembro devido às efemérides do dia da Consciência Negra, celebrado no dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares em 1695.

A proposta sobre musicalidade foi desenvolvido pensando na conjuntura atual do ensino de história da África e cultura afro-brasileira, visto que poucos livros abordam a temática e ainda, poucos cursos têm sido oferecidos e professores tendo acesso. A escolha do assunto musicalidade surgiu do questionamento dos próprios livros didáticos não falarem especificamente desse tema em que o mesmo somente é citado como influência africana na cultura brasileira.

¹ Petronilha Gonçalves e Silva foi relatora da comissão que fez um parecer para a aplicação prática da Lei 10.639/03 / Reprodução/UFPR TV. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/08/ensino-de-historia-da-africa-ainda-nao-esta-nos-planos-pedagogicos-diz-professora/>

Dentro dessa perspectiva, o trabalho apresenta aspectos de como se dá a musicalidade na África fazendo um recorte da importância do tambor e apresentando também os principais reflexos no Brasil. A intenção é levar para a sala de aula a análise da musicalidade na África e como os negros foram forçados a virem para o Brasil, também outros locais, e trouxeram consigo essa parte da cultura que fora praticada aqui no nosso país sofrendo transformações sem deixar seu vínculo ancestral.

O principal foco do trabalho são estudantes do ensino fundamental onde o professor poderá utilizar o material para ministrar aula e os alunos poderão estabelecer proximidade com o tema. A linguagem e estrutura do trabalho são acessíveis também ao público leigo sobre o assunto, trazendo a contribuição de difusão de conhecimento para a sociedade sobre a temática.

A proposta consiste em trabalhar com características de tambores africanos e sua presença sociocultural. Diante das pesquisas encontrei vários tipos de tambores e a escolha dos selecionados está relacionada com a influência dos mesmos no Brasil, os que são mais conhecidos e exercem fundamental importância nas manifestações, sem intenção de esgotar o assunto e suas possibilidades, apresentando questões que poderão ser aprofundadas pelo leitor.

O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E DAS CULTURAS AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DA MUSICALIDADE

O ensino de História no Brasil passou por várias mudanças, do Positivismo à História Nova, porém através dos mesmos não atingiu de maneira significativa o estudo de História da África. É perceptível que estudos, análises e pesquisas sobre esse tema têm sido produzidos, mas na maioria das vezes ficam no âmbito acadêmico de pós-graduação, tendo em vista que muitos cursos de graduação não têm essa disciplina na grade curricular e alunos do Ensino Fundamental e Médio pouco têm tido contato com esses materiais.

Essas incidências reduzem a propagação das culturas africanas e afro-brasileiras – portadoras de grande importância, beleza e identidade – trazendo uma sistemática rejeição, tanto social quanto por meios de comunicação, que em geral, contribuem para o aumento de distorções, preconceitos gerados pela

desinformação. Assim, é preciso que haja diálogo, busca de conhecimento e difusão do mesmo.

Identificar e corrigir a ideologia, ensinar que a diferença pode ser bela, que a diversidade é enriquecedora e não é sinônimo de desigualdade, é um dos passos para a reconstrução da autoestima, do autoconceito, da cidadania e da abertura para o acolhimento dos valores das diversas culturas presentes na sociedade (MUNANGA, p.31, 2005).

Nesse sentido levar para as salas de aulas o que se pesquisa no espaço acadêmico é fundamental. Nessa perspectiva, como trabalho de conclusão do curso de História da África, oferecido pela Universidade federal de Juiz de Fora (UFJF), a proposta foi produzir um material didático que possa ser trabalhado, com alunos do Ensino Infantil, e/ou Fundamental e/ou Médio. Levar para os alunos desses níveis informações sobre povos africanos e suas culturas é ressaltar parte da cultura brasileira, que está intensamente ligada a esses povos, possibilitando aos alunos o reconhecimento da sua própria história e identidade. Se a pessoa acumula na sua memória referências positivas do seu povo, da sua história, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade, principalmente a racial.

O resgate da história e identidade não se limita aos alunos negros, mas,

[...] ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, p.16, 2005).

Nesse sentido o material didático produzido tem por característica contribuir para o conhecimento de como a musicalidade, através dos tambores, exerce influência na vida dos africanos e sua identidade. A partir desse conhecimento, os alunos, independentemente de sua cor de pele, poderão identificar a nossa proximidade com grupos africanos e se reconhecerem como seres ligados ao compartilhamento de suas culturas.

O grupo mais citado neste material didático são os bantos, não anulando a importância dos outros. A diáspora africana para o território brasileiro envolveu

negros das regiões do ocidente, oriente e sudeste do continente, a maioria dos que foram forçadamente trazidos para o Brasil originou-se das regiões do Congo e de Angola e com eles vieram as grandes influências musicais. A entrada dos bantos no Brasil ocorreu desde o início do tráfico, ao final do século XVI, com um fluxo contínuo e ininterrupto até o século XIX, e foram dirigidos para todos os núcleos coloniais em formação que demandavam mão de obra escravizada. O artigo, “O perfil étnico dos bantos aportados no Rio de Janeiro (1790-1800)”² de Bruna Marques, traz informações sobre origem e expansão desse povo na África; aspectos culturais; debate bibliográfico sobre tráfico negreiro; auxiliando o professor no conhecimento desse povo.

A proposta foi pensada para ser desenvolvida com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, mas fica aberto para que o professor opte por trabalhar em outro ano do Fundamental. Se caso surgir interesse em trabalhar com o Ensino Médio, seja em aula ou projeto, recomendo que seja feito aprofundamento da temática, pois o conteúdo proposto precisaria de mais densidade para esse nível. Ela foi elaborada como suporte para aula de História, mas como a temática tem proximidade com as disciplinas Educação Física, Língua Portuguesa e Artes, o mesmo poderá ser utilizado por esses profissionais a fim de diversificar suas aulas e até mesmo exercer um trabalho interdisciplinar.

A estrutura do material compreende: um texto informativo com divisões de assuntos dentro da temática musicalidade na África e reflexos no Brasil; imagens; boxes explicando algumas questões; textos de aprofundamento; vídeo complementar; atividade; indicação de leitura e documentário para conhecer mais sobre o tema e um glossário, sendo esse material é para aluno e professor. É visível que essa estrutura não é inovadora, mas, o conteúdo apresentado traz para o cenário da sala de aula assuntos que livros didáticos não abordam.

O material foi pensado e organizado nessa estrutura pelo fato da maioria das escolas públicas não possuírem muitos recursos, então praticamente os gastos para colocá-lo em prática são mínimos, sendo basicamente reprodução do mesmo para os alunos: parcial, texto de aprofundamento, boxes e atividade; ou o material integral. Os vídeos poderão ser baixados através dos links indicados, se caso o professor tiver dificuldade para reproduzi-los a aula não será prejudicada, pois as

² Artigo disponível em <http://revistahistorien.com.br/arquivos/11bruna.pdf>

informações mais consistentes se encontram nos textos. Mesmo pensado nesse viés, o material poderá ser aplicado em qualquer instituição de ensino seja particular ou pública, ficando ao critério do professor utilizar outros recursos que considere relevante para a produção do conhecimento em relação ao tema proposto.

Nos livros didáticos e conteúdos escolares, pouco é falado da África e negros em geral. Muitas vezes quando esses assuntos são abordados permeia-se o imaginário e estereótipo relacionado à inferioridade, submissão não sendo analisadas as particularidades e diversidades dos territórios na África. A África não é vista nem percebida como um continente com diferentes países, etnias e nações que possuem línguas, costumes, histórias, religiosidades e visões de mundo amplas e diversas. Seres humanos africanos e seus valores foram sistematicamente associados a qualidades negativas pelo europeu e durante muito tempo, a historiografia considerou a África, um continente sem História e ausente no processo de construção da civilização universal. É como afirma Oliva (2003, p.421)

[...] devemos voltar nossos olhares para a África, pela sua relevância incontestável como palco das ações humanas e pelas profundas relações que guardamos com aquele Continente por meio do mundo chamado Atlântico.

A África deve ser estudada a partir de suas próprias estruturas, analisando-as em função das inter-relações dentro do continente, mas também em relação ao mundo extra-africano. (MOORE, 2010). Desta forma, seria possível descobrir as múltiplas maneiras pelas quais as particularidades dos povos africanos influenciaram eventos nas diversas sociedades do mundo.

Os escravizados e forros reconstituíram dentro do contexto, diáspora, seus valores e culturas, para o Brasil deixaram um grande legado com essa reformulação.

Para o antropólogo Marshal Sahlins “as culturas são como rios: não se pode mergulhar duas vezes no mesmo lugar, pois estão sempre mudando”. Aí está, em pinceladas, a noção de dinâmica cultural; a ideia de que a cultura não é uma essência, uma vez que está sempre em transformação. O fato é que a cultura não é, ela está. Culturas se criam, alteram-se e se re-significam e não há outra saída, como bem mostrou o antropólogo Roy Wagner, senão “inventar” (SCHWARCZ, 2007, p.1).

A necessidade do conhecimento sobre a história e cultura afro-brasileira e africana pelos profissionais da Educação é o primeiro passo para que se construa inicialmente na escola, na sua realidade cotidiana, ações e intervenções didático-

pedagógicas visando consolidação de atitudes de respeito e compreensão da diversidade étnico-racial e cultural africana e brasileira, rumo à efetiva transformação da realidade. Transformação essa que passa, inclusive, pela revisão dos referenciais teórico-metodológicos que alicerçam os nossos pressupostos didático-pedagógicos, atentando para as consequências que temos no nosso sistema educacional por privilegiarmos uma única matriz ancestral: a ocidental europeia.

A musicalidade está presente em toda África,

[...] encontra-se radicalmente imersa no universo da cultura. Trata-se de um sinal distintivo, pois geralmente as sonoridades musicais informam que algo de diferente ocorre na vida ordinária. O código musical simboliza a realização de uma atividade importante. O nascimento, morte, coroação de um rei, atividades de trabalho, ritos religiosos, entre outros (SILVA, 2013, p.6)

É intensa a propagação de instrumentos musicais na África e o tambor é um grande símbolo. Levar para sala de aula esse conhecimento é mostrar que falar de África não consiste somente em trabalhar alguns poucos reinos antigos e escravização dos africanos negros no Brasil, incluindo os castigos, como apresentam a maioria dos livros didáticos. Apresentar essa nova vertente para ver a África é um grande passo para romper com estereótipo negativo dos povos desse continente, é evidenciar como são ricos culturalmente e não apenas serem descritos como pobres e doentes.

Trabalhar a importância do tambor para as sociedades africanas e seus desdobramentos no Brasil, os alunos poderão visualizar como temos um pedaço da África no Brasil e como compartilhamos dessa cultura. É levar uma visão positiva tanto dos negros na África quanto no Brasil, pois,

[...] a música africana permanece como um dos principais elementos definidores da identidade negra em nossa sociedade. A própria sociedade brasileira tem reivindicado o samba como um dos seus símbolos (SILVA, 2013, p.10).

Na música a cultura africana contribuiu com os ritmos que são base de boa parte da música popular brasileira e evidenciá-los, através da escola, é mostrar para os alunos a gama de manifestações culturais presentes no Brasil que são de matriz

africana. O conhecimento é fundamental para romper preconceitos e a escola se faz presente nessa constante, pois são anos da vida de uma pessoa dedicados à escolarização e quanto mais conhecimentos sobre a África forem difundidos menos teremos uma visão simplista sobre o continente.

As sociabilidades musicais foram e são fatores basilares às identidades negras. Música no corpo e na alma, lições de difícil apreensão para racionalismo ocidental. Música de natureza religiosa e simultaneamente de festa, são constituídas como forma de visibilidade e contraste étnico. Estar juntos em torno da música configura sentido ao “nós”, em relação àqueles que distinguimos como os “outros”, alimentamos as matrizes culturais.

A musicalidade, sociabilidade onde a música se faz preponderante tem sido o reduto cultural das afro-brasilidades, quer dizer, a música tem funcionado como elemento mantenedor de valores africanos no Brasil. As letras, os instrumentos, os sons e espaços criadas pela cultura musical, tem sido uma das formas as quais a África remota e ancestral é reavivada nas culturas negras diaspóricas.

OBJETIVOS

Gerais

A intenção é oferecer subsídio para trabalhar a temática “África” na sala de aula. Na musicalidade, buscando o entendimento e análise de como ela se enraizou na África em vários aspectos e de que forma, mostrando os desdobramentos da mesma na cultura brasileira.

Específicos

- Estabelecer conexões entre cultura africana e cultura brasileira.
- Conhecer diferentes manifestações culturais de matriz africana.
- Reconhecer a contribuição dos povos africanos na formação cultural do Brasil.
- Levar o aluno a conhecer concepções de musicalidade na África.
- Entender como se deu as diferentes nomenclaturas para se referi ao tambor.
- Respeitar e valorizar a diversidade étnica e cultural.
- Reforçar a autoestima da criança/adolescente negro.

- Valorização cultural, estético e simbólico das culturas africanas e afro-brasileiras.
- Refletir como as musicalidades negras estão presentes em comemorações, festas e cotidiano dos brasileiros e da população afrodescendente.

COLOCANDO EM PRÁTICA A PROPOSTA

Inicialmente é proposto um texto básico que mostra como os africanos exercem ligação com a musicalidade. É analisado como a musicalidade está presente no cotidiano seja em rodas de conversas, comemorações e festividades. Como o continente africano é composto por vários países com cultura, linguagem, organização social, política e economia diferentes é explicitado o que é comum e apontado heterogeneidades. Essa parte é basicamente uma introdução ao tema preparando e impulsionando o interesse dos alunos, seguindo para o foco da aula que são os tambores e suas especificidades. Com essa introdução o professor poderá perceber através das reações, faciais e orais, se o tema é desconhecido ou se existe algum conhecimento prévio da turma. O professor poderá levantar questionamentos com o título dos boxes: “O que são tambores?”, “O que é ser negro no Brasil atualmente?” e “Por que os negros passaram a ser maioria no Brasil a partir de 2007?”, antes de trabalhar com as definições. É uma oportunidade de saber o que os alunos pensam ou veem sobre o que está sendo colocado. Estimular os alunos a se expressarem é fundamental nessa aula afim de, identificar como foi ou estão sendo feitas as internalizações dos assuntos relacionados à África e negros. Após dar esse espaço para os alunos, poderá ser feita a apresentação das definições dos boxes.

Seguindo, na próxima aula, o professor deve explicar sobre “Os tambores na África” onde nesse momento começa-se a adentrar no assunto principal. Prosseguindo, mostrará as imagens e explicará para os alunos os tambores propostos. Como cada tipo de tambor apresenta um link para ver e ouvir o seu toque o ideal que para essa aula seja utilizado o recurso necessário para sua reprodução. Se não for possível nessa aula, poderá mostrar aos alunos na última aula sobre o tema e poderá começar a trabalhar as influências dos tambores em manifestações culturais no Brasil, que seria a próxima aula.

Agora que os alunos já conhecem os tambores apresentados, nessa terceira aula será trabalhada a influência deles em manifestações culturais no Brasil. Não existe uma cultura brasileira homogênea, e sim um mosaico de diferentes vertentes culturais que, juntas, formam a cultura do Brasil. A maior contribuição do elemento africano foi a diversidade rítmica e algumas danças e instrumentos, que tiveram um papel maior no desenvolvimento da música brasileira. Gêneros musicais coloniais de influência africana, como o lundu, terminaram dando origem à base rítmica do maxixe, samba, choro, bossa-nova e outros gêneros musicais atuais. O candomblé, carimbó, jongo, tambor de crioula e umbigada são as formas vivas do batuque. Também tiveram suas raízes nos tambores a congada e o maracatu. Através da explicação sobre essas manifestações os alunos poderão visualizar e até sentir nossa proximidade com os povos africanos, dentro dessa perspectiva, culturalmente.

Nessa quarta aula, o foco é aprofundar. O professor poderá utilizar os textos da sessão “Aprofundando” para seminário. São quatro textos curtos que poderão ser divididos entre a turma, em grupos. Depois de separar os grupos e indicar os textos, deve-se estabelecer um tempo para leitura e em seguida cada grupo fazer sua apresentação. O professor deverá ficar atento ao que será colocado pelos alunos para fazer as intervenções necessárias. Também pode deixar explícito que independente de quem está apresentando, os demais podem expor suas colocações e questionamentos. Dentro do espaço escola, os alunos apresentam reflexos das transformações mundiais, onde às vezes agregam, outras vezes, se perdem entre elas. Logo, o incentivo ao diálogo, direto onde estarão frente a frente, deve ser primordial nas relações escolares para facilitar e entender o que o outro é, pensa e age, visto que atualmente os meios tecnológicos por facilitarem a comunicação geram distanciamento das pessoas. A partir dessa iniciativa o aluno e o corpo escolar em geral vão poder se reconhecer em meio aos demais e aprender a agir com os diferentes, evitando conflitos. Aponto o diálogo como mais importante iniciativa porque essa atitude se perdeu diante das tecnologias, o contato é extremamente indireto feito através de recursos que muitas vezes inibem enxergar as expressões que as pessoas transmitem, estando embutidos os seus sentimentos. No final dessa aula, ou em outra se preferir, o professor pode entregar a cruzadinha para os alunos resolverem em casa. Essa atividade auxiliará na fixação do conteúdo.

Na última aula, o professor vai necessitar de recurso específico para reprodução de um curto vídeo complementar, 3 minutos e 50 segundos, sobre “Tambor de Crioula”. É um vídeo informativo sobre suas principais características, mostrando como é essa dança, possíveis formas de surgimento. Esse material institucional foi produzido para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) dentro do processo de registro da manifestação do Tambor de Crioula como Patrimônio Imaterial do Brasil. Ao término, o professor pode ligar o que já havia explicado com as imagens apresentadas.

Aproveitando o recurso para reprodução de vídeo, o professor irá explicar para a turma que eles farão atividades baseadas no vídeo: “Maré Capoeira” (referenciado no final desse tópico). O curta tem como principal cenário a roda de capoeira que conta duas histórias: a do menino João, um garoto negro de 10 anos de idade, seus desejos e frustrações, e a da própria capoeira, como manifestação sócio-cultural. O protagonista João, mais conhecido como Maré, conta suas histórias, lembranças e seu amor pela capoeira, levando o espectador a conhecer aspectos da história e da cultura afro-brasileira que se mescla à sua própria história de vida. Com orgulho ele deixa transparecer o sentimento de pertencimento; o funcionamento da roda de capoeira; gestos que acompanham os jogadores na roda; fala das capoeiras de Angola e regional e seus mestres; de quando ela era proibida e da herança africana.

Com esse vídeo pode ser trabalhado os temas transversais “Pluralidade Cultural e Ética; Saúde”, enfatizando conceitos como memória, tradição, cultura popular, religiosidade e também estímulo ao respeito à diversidade e à diferença. Após assistirem, para serem trabalhadas as questões acima, o professor pode fazer uma roda de conversa ressaltando, intermediando e explicando as questões abaixo e outras que sentir necessidade ou considerar importante. Outra opção é convidar algum mestre de capoeira para assistir junto o filme e/ou fazer uma oficina de apresentação da história e dos principais elementos da capoeira.

- A capoeira não veio pronta da África ela se formou no Brasil combinada a diferentes culturas africanas, que foram trazidas pelos negros escravizados que viviam na zona urbana, especialmente os vindos de Angola, Congo e Cabinda.
- A perseguição e repressão da capoeira pelas autoridades, principalmente a partir de 1890, enquadrada como crime pelo Código Penal da República.

- Além da grande característica esportiva, atribuída à capoeira, ela serviu como forma de socialização de seus praticantes e defesa contra as práticas de violência de seus senhores.
- Respeito: cumprimento entre os capoeiristas quando entram e saem da roda; reverência ao berimbau se abaixando diante dele agradecendo e pedindo proteção dos céus.
- A importância dos instrumentos que além de emitir sons grandiosos ditam o ritmo da ginga que são os movimentos do corpo.
- As cantigas na capoeira: segundo Maria José Somerlate Barbosa³ são três (Ladainha, Chula e Corrido). Como uma das propostas de atividade é sobre a Chula, o professor deve focar na mesma. Na Chula as frases escolhidas pode prestar homenagem a um aspecto do jogo, agradecer a Deus, falar de mestres e valores morais, descrever situações histórico-culturais.

Colocando em prática o aprendizado sobre capoeira, o professor pode optar em pedir um trabalho para turma. Divididos em grupo montarão suas “chulas”. O ideal é que seja feito em casa, no extra turno ou se for possível em trabalho interdisciplinar com Educação Física e/ou Artes, a partir dessa fase, pois poderão utilizar essas aulas para montar as “chulas”. Lembrando que o professor deve estabelecer um prazo.

Partindo para próxima fase, podendo ainda contar com o apoio das disciplinas Educação Física, Língua Portuguesa e Artes, montar a apresentação dos grupos na roda de capoeira. Ela deverá ser realizada para os demais alunos da escola, de preferência que não seja em alguma data comemorativa e sim em um dia comum para não reforçar a ideia de que as manifestações temáticas têm dias específicos. O(s) professor/professores deve(m) organizar a apresentação tanto com alunos quanto com a direção da escola. Se os alunos não souberem tocar os instrumentos podem lhes ser indicado como ter noção ou convidar alguém que saiba tocar, não sendo necessária, na apresentação, a utilização de todos os instrumentos. O importante é os alunos se sentirem integrantes e pertencentes ao movimento e sua ancestralidade.

³ BARBOSA, Maria José Somerlate. As Sereias Cantam no Mar: A Representação da Mulher nas Cantigas de Capoeira. Disponível em: <http://www.plcs.umassd.edu/plcs12texts/barbosajun162006.doc>

Vídeo “Maré Capoeira”

Gênero: Ficção

Diretor: Paola Barreto

Elenco: Felipe Satos, Isabela Fabrezza, Mestre Chamine

Ano: 2005

Duração: (16'22”)

Cor: Colorido

País: Brasil

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8FxGbPGcU4M>

Sites para saber mais sobre capoeira

<http://www.capoeiradobrasil.com.br>

<http://www.portalcapoeira.com>

<http://www.lmilani.com>

<http://www.capoeirista.com.br>

<http://www.abada.org>

<http://www.capoeira-angola.com>

CONCLUSÃO DA PROPOSTA

A avaliação da aprendizagem dos alunos deve ser feita de maneira constante. Através da participação individual e/ou coletiva em cada uma das etapas da aula. Nesta avaliação, deve-se diagnosticar se os alunos conseguem compreender a importância da musicalidade para os povos africanos, enfatizando o tambor; identificar as manifestações culturais afro-brasileiras relacionadas aos tambores.

O sentimento e a postura de pertencimento e respeito das influências dos negros africanos devem ser apuradas, pelo professor em relação aos alunos, há longo prazo, sendo reforçada com o diálogo com outras temáticas os assuntos relacionado à temática História da África e das culturas africana e afro-brasileira

PARTE II – O MATERIAL DIDÁTICO

TAMBORES: DAS RAÍZES AFRICANAS À MUSICALIDADE NO BRASIL

1. A LIGAÇÃO DO BRASIL COM A ÁFRICA

O Brasil concentra grande quantidade de negros e esse fato está relacionado com a chegada dos mesmos para trabalharem como mão de obra escravizada. Pessoas que foram tiradas de suas terras, grupos étnicos que aqui se estabeleceram e fincaram raízes. Assim, a diversidade cultural brasileira compartilha de aspectos africanos que permaneceram ou foram recriados. No Brasil, temos uma parte importante da África que se manifesta, por exemplo, na musicalidade que é marcada por variedades sonoras, gêneros e estilos que sempre vem acompanhada de um instrumento. Uma amostra de instrumentos são os tambores: ngomas, batás, bombos/bumbos, tambaques/atabaques, djembês que fazem parte dessa herança.

O que são tambores?

O tambor é um instrumento de percussão usado em todas as culturas e em cada uma possui nomes, constituições e formas diferentes, como cilíndrica, cônica, como um barril, taça ou ampulheta. Em suas extremidades há uma membrana esticada que pode produzir um ruído ou um som de altura definida, dependendo do meio utilizado para fazê-la vibrar.

Viajantes estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro durante o século XIX registraram o uso de tambores pelos negros que vieram para serem escravizados em festividades religiosas e em outras manifestações.

Fonte: <http://musicabrazilis.org.br/instrumentos/tambor>

O que é ser negro no Brasil atualmente?

Ser negro é a soma da população “preta” e “parda”, segundo categorias do IBGE. A escolha da identidade étnica que tem a ancestralidade africana como origem, ser negro, é, primordialmente, um posicionamento político, onde se assume essa identidade que está diretamente ligada ao sentimento de pertencimento a determinado grupo onde se expressa aspectos sociais, políticos e culturais.

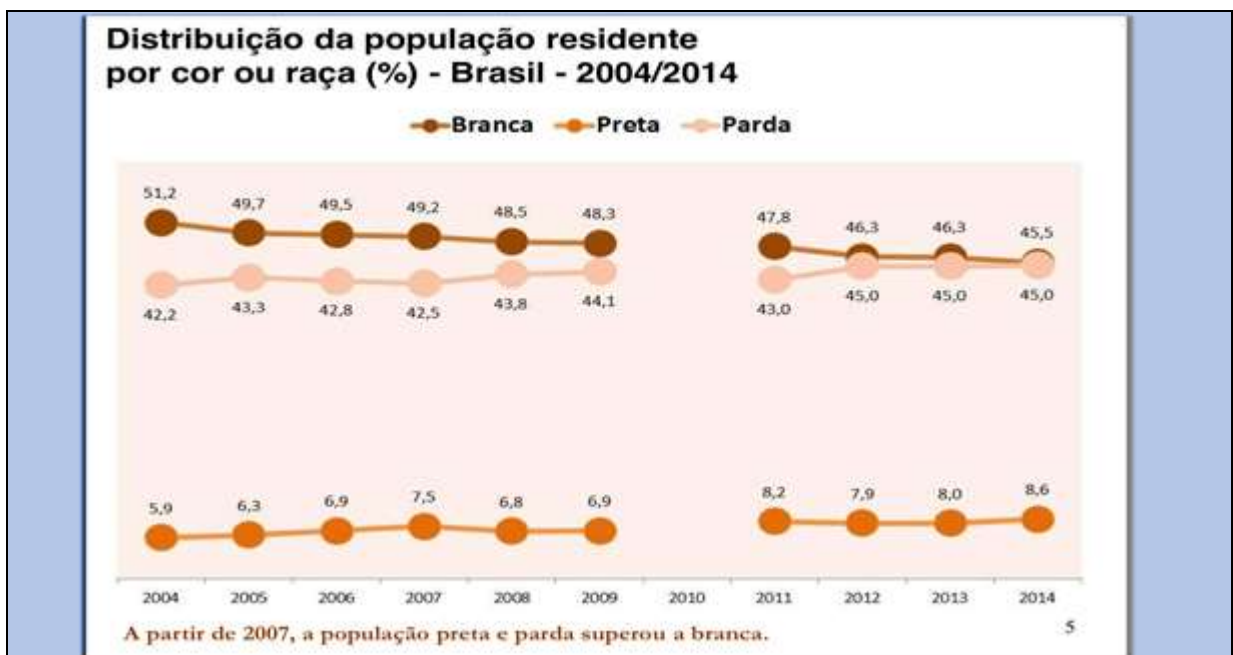
Fonte: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html

Por que os negros passaram a ser maioria no Brasil a partir de 2007?

O Brasil é o país que concentra maior quantidade de negros fora do continente africano. Segundo dados do IBGE de 2014, somando-se “pretos” e “pardos” o número é 53,6%. Essa porcentagem foi obtida por meio de auto-declaração dos entrevistados. É justamente o aumento da autodeclaração que se definem como “pretas” e “pardas”, e não ao aumento da taxa de natalidade dessa população, que faz com que o país seja atualmente de maioria negra.

Fonte: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/politica/1447439643_374264.html

Visualizando



Cada vez mais brasileiros se autodeclaram negros (53,6%), conforme o Programa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) 2014. Fonte: <https://goo.gl/KPVylk>

2. OS TAMBORES NA ÁFRICA

Os tambores são parte da cultura musical africana, relacionada com diversos espaços da vida social, um elemento de cultura, não podendo ser analisada de forma separada enquanto simples estrutura sonora. Nas sociedades africanas, a tradição oral foi e continua sendo em grande medida o método pelo qual histórias e crenças religiosas são passadas hereditariamente, transmitindo elementos dessa cultura. Uma parte integrante da tradição oral africana é a dança e o canto, destacando o tambor, instrumento musical de maior celebração africana, em diferentes tamanhos e formas e para diferentes fins (SILVA, 2010).

O tambor é utilizado para enviar e receber mensagens espirituais, sendo importante para a transmissão de conhecimentos e práticas. Na África, grupos de carregadores da Lunda, atual norte de Angola, no século XIX e XX utilizavam toque de tambores para comunicarem-se.

Quando os negros africanos chegaram em terras diferentes, em um “novo mundo”, esses instrumentos compuseram aspectos de adaptação e elo com suas culturas. O corpo é de suma importância na composição da linguagem em que o som, a música estão diretamente ligados à dança.

Conhecendo os países africanos



Fonte: Wikipédia

2.1. Ngoma e Ligoma

Com origem na África Austral, de Angola ao norte de Moçambique, está o Ngoma e Ligoma. Segundo Silva (2010), no Brasil, em várias regiões, utilizam-se nomenclaturas e formatos parecidos para designar instrumentos da mesma categoria: Goma, Engoma, Ingoma, Ingono. Essas variações ocorrem devido às dinâmicas linguísticas que se deram com contato com europeus e africanos. Esse termo de grande difusão se deu devido às movimentações dos grupos bantos na África como Angola, África do Sul, Ruanda, Moçambique, Congo e Zaire. Já no Brasil, em São Paulo, Ngoma tornou-se uma gíria para designar moradia, casa.

O Ngoma é construído esticando uma pele de animal sobre um cilindro de madeira trazendo a palavra significado de “tambor da aflição”. O antropólogo Victor Turner chamou-o de “Tambor da Aflição” porque as pessoas buscam frequentemente a religião para curar seus males e problemas (<http://claudiozeiger.blogspot.com.br/2012/02/morte-e-ressurreicao-entre-os-ndembos.html>). Na África os Ngomas muitas vezes são símbolos de poder exercidos pela realeza, como acontece em Ruanda.

Entre os grupos de língua banta a palavra Ngoma é um termo genérico para se referir a tambor. É uma categoria abrangente, pois, além de designar esse objeto-instrumento, também é usado para falar da dança, do canto e da comunidade que agrega para entoá-lo, seja em rituais ou comemorações. Além disso, pode ser um grande elemento de guerra (DIAS, 2017).

O Ngoma, no Candomblé no Brasil, tem grande importância ritualística e sagrada aos cultos onde através do mesmo com seus sons exerce uma corrente vibratória que é característica de cada terreiro. Por meio da música ritual é guiada a maior parte das cerimônias do candomblé, o som comunica e transmite, e os tocadores são aqueles incumbidos de fazer ecoar a comunicação do Ngoma sagrado (BERRUEZO, s/d).

Em outros países da África, como Moçambique, existe uma dança muito famosa chamada Mapico. Ela é originária da Província do Cabo Delgado, extremo nordeste de Moçambique, e acompanhada por vários tambores, um deles o Ligoma. O Ligoma é feito de um tronco cavado, aberto de um lado e com uma membrana de pele animal na outra extremidade (MAHUMANE, 2012).

Foram africanos do grande grupo linguístico banto que legaram à música brasileira as bases do samba e a grande variedade de manifestações que lhe são afins.



Ngoma: atabaque encontrado na África Banto. Fonte: Wikipédia

2.2. Tambores Batá

Tambor horizontal, formado por uma caixa de ressonância, geralmente um cilindro feito com dois coros: um para as batidas mais fortes e outro para percutir sendo que um dos lados maior que o outro. Os Tambores Batá são elementos sagrados na cultura lorubá, com rituais religiosos para sua construção, preparação e iniciação daqueles que irão tocá-lo. Foram introduzidos e desenvolvidos na terra lorubá, atual Benin – Nigéria, há aproximadamente 800 anos, para a celebração do Orixá Xangô. Tem raízes em outras partes do continente africano, oriente médio e nordeste da Índia, onde também são comuns os tambores de duas peles (<http://tendaluaze.blogspot.com.br/2010/06/ayan-o-orixa-do-tambor.html>).

Os Batás sagrados são tratados como se tivessem vida, devem ter cuidados especiais e uma variedade de regras para o seu uso. Sua história é um testemunho do poder e profundidade da religião e cultura lorubá.

Na Nigéria, Batá também é o nome de uma dança religiosa, que possui movimentos vigorosos, percussivos e vibratórios, que produzem momentos de suspense e tensão, representando o aspecto mítico do trovão, do relâmpago, símbolos do Orixá Xangô (D'OSOGIYAN, 2016). A dança Batá é a representação corporal do ritmo produzido pela Orquestra composta pelos tambores que lhe dão o nome. Surge assim Ayan, o princípio vibrante do tambor Batá, que traz os elementos

corporais, rítmicos, vocais e visuais do Orixá que é consagrado dentro do tambor de duas peles.



Tambores Batá: da esquerda: Okónkolo, Iyá, Itótele. Fonte: Wikipédia

<https://www.youtube.com/watch?v=adQilaJNTrc> (link para ouvir toque: tambor Okónkolo)

<https://www.youtube.com/watch?v=aCk8XHLladE> (link para ouvir toque: tambor Iyá)

<https://www.youtube.com/watch?v=IOBzIzkeJzw> (link para ouvir toque tambor: Itótele)

O que são os Orixás?

Na tradição lorubana, os Orixás são entidades divinas associadas às forças da natureza. Essas forças guiam e protegem as pessoas, produzem uma enorme energia (asé), que exercem auxílio no dia a dia. O culto aos Orixás foi trazido pelos negros escravizados para o Brasil, e foi sendo resignificado, ao longo do tempo, e incorporado por outras denominações religiosas.

Por Obanise (Xandi)

Disponível em: <http://www.orixas.com.br/portal/index.php/orixa>

Conhecendo o Orixá Xangô

Grande e poderoso Orixá lorubano, senhor do raio e do trovão. Seu nome, difundido por todas as Américas, serve como denominação genérica para os cultos de origem lorubano em Pernambuco (LOPES, 2015). Xangô é pesado, íntegro, indivisível, irremovível; com tudo isso, é evidente que um certo autoritarismo faça parte da sua figura e das lendas sobre suas determinações e desígnios. Suas decisões são sempre consideradas sábias, ponderadas, hábeis e corretas. Ele é o Orixá que decide sobre o bem e o mal e também gera o poder da política. É

monarca por natureza e chamado pelo termo “Obá”, que significa Rei. No dia-a-dia encontramos Xangô nos fóruns, delegacias, ministérios políticos, lideranças sindicais, associações, movimentos políticos, nas campanhas e partidos políticos, enfim, em tudo que gera habilidade no trato das relações humanas ou nos governos, de um modo geral (www.curaeascensao.com.br).

2.3. Bumbo/Bombo

É o maior dos tambores de duas peles. Em desfiles ou em fanfarras, o bumbo/bombo é carregado à frente do peito, pendurado nos ombros por cintas de couro. Esse instrumento também compõe a bateria.



Fonte: Wikipédia

<https://www.youtube.com/watch?v=gOtaXAQUu54> (link para ouvir toque: bumbo)

2.4. Atabaques/Tambaques

Os atabaques/tambaques chegaram ao Brasil trazidos pelos negros africanos e são conhecidos em todo o território, sendo comum a variação de nome em cada estado. É usado na música popular e também em rituais religiosos afro-brasileiros. Há diferença entre o atabaque do candomblé e do atabaque instrumento musical comprado nas lojas para atenderem a necessidade de músicos para suas apresentações. Os atabaques no candomblé são objetos sagrados e usados somente nos locais sagrados e de manifestações religiosas. São preparados unicamente para a comunicação com entidades em que os toques são o código de

acesso e a chave para o mundo espiritual. Nos terreiros de candomblé, os três atabaques utilizados são chamados de Rum, Rumpi e Le. O Rum, o maior de todos, possui o som grave; o Rumpi, som intermediário; o lé, o menor, possui o som agudo. Está presente também em manifestações culturais como capoeira, samba, jongo, dentre outras (D'OSOGIYAN, 2016).



Atabaque. Fonte: Wikipédia



Percussionista tocando um atabaque.
Fonte: Wikipédia

<https://www.youtube.com/watch?v=-HvDmfPuFTw&index=12&list=RDztm6fKxFfCA> (link para ouvir toque: atabaque)

2.5. Djembê

Também conhecido como djimbe, jembe, jenbe, yembe e sanbanyi. O Djembê é um instrumento musical de percussão, originário da Guiné, África Ocidental, podendo alcançar vários sons dependendo do local e como se toca na membrana. É muito antigo e até hoje é importante nas culturas africanas, sobretudo na região mandingue, que compreende os países Mali, Costa do Marfim, Burkina Faso, Senegal e Guiné (<http://www.mundopercussivo.com/estudos-e-pesquisas/conhecaosinstrumentos/djemb%c3%aa/>).

De acordo com os povos Bamana do Mali, o nome do djembê vem da expressão "*anke djé, anke bé*" que se traduz como "todos se reúnem em paz" nome esse que também define a finalidade do tambor. A origem do djembê esta associada a uma sociedade de ferreiros mandingas conhecidos como Numus. grande disseminação desses tambores por toda a África Ocidental pode estar ligada às

migrações desse povo (<http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/2011/12/tambor-djembe-gana.html>).



Fonte: Wikipédia

Djembê: possui corpo de madeira e pele natural. “Djem” refere-se à árvore de onde sai a madeira para fazer o corpo do instrumento, e “be” significa cabra; onde a pele do animal serve como a superfície do djembê. Tambor de origem na Guiné – África Ocidental

<https://www.youtube.com/watch?v=KP99BjAzy2Q&list=PL2CD406CEF0E69A9F&index=5>
(link para ouvir toque: atabaque)

2.6. Dundun

Também conhecido como dunun, doundoun e djun djun, esse instrumento tem característica grave com desenvolvimento junto ao djembê . Imita os tons da fala e são capazes de transmitir mensagens. É de percussão de duas partes e pode ter uma sineta (SILVA, 2013).



Fonte: Wikipédia

Djembê moderno com pele sintética.



Dundun. Fonte: Wikipédia

3. INFLUÊNCIAS DOS TAMBORES: DA ÁFRICA PARA O BRASIL

Os tambores de África trouxeram cantos e danças para o Brasil. As principais influências do tambor se fazem presentes no batuque, congadas e samba urbano. O que os une são os padrões rítmicos mesmo com diferentes conjuntos de instrumentos. Distantes dos materiais específicos para fabricarem os Ngomas, os instrumentos foram recriados a partir das matérias-primas disponíveis.

Era comum nos dias de folgas, dos cativos, as realizações de festas entoadas por cantos africanos que envolvia movimentos corporais ao toque principalmente de tambores, palmas e assovios. Essas festas tinham o intuito de unir essas pessoas enquanto grupo, estabelecer vínculos com suas regiões de origem e também cultuar os ancestrais. Tendo em vista que muitas letras das cantigas eram permeadas de segredo, aos ouvidos de quem estava de fora, eram impossível entender a o quê se referiam, surgindo grande receio de eclosão de motins (DIAS, 2017).

Essas danças aconteciam com maior intensidade nos setores rurais por haver maior concentração de africanos, mas com o deslocamento dos mesmos para os centros urbanos, principalmente no século XIX, a manifestação acontecia nos subúrbios urbanos e de maneira bem discreta, visto que o preconceito era muito maior, havendo perseguição policial (DIAS, 2017).

No Candomblé, o uso de tambores é muito importante porque através dos diversos tipos de toques, acompanhados de cânticos, se conecta com as divindades. A presença do tambor não está somente em manifestações religiosas, mas também

em estilos musicais como samba que é conhecido em todo o Brasil, em evidência as baterias de escolas de samba que compõem o famoso carnaval (DIAS, 2017).

Uma expressão usada no Brasil pelos escravizados africanos era “Malungu ngoma vem”. A palavra “malungo”, no Brasil, indicava basicamente companheiro, originou no âmbito de vários negros, de etnias diferentes, compartilharem o sofrimento de serem forçadamente trazidos para esse país no mesmo barco. “Ngoma vem” poderia ser explicado como “senhor está chegando” (SLENES, 1991). Nessa expressão a utilização do termo “Ngoma” está ligado a dança, e servia como um sinal:

Johann Emmanuel Pohl, em seu relato de sua viagem do Rio de Janeiro para Juiz de Fora, em 1817, descreve uma “noma”; era um tambor feito de um “troco de árvore escavado”, de fato, em Kimbundu Ngoma denota um tambor “feito de comprido pau oco”. Por extensão a palavra tem também o significado de “som produzido pelo tanger do tambor” e daí “sinal de alarme”. (...) E talvez gozando da pessoa que detinha autoridade sobre eles, contrastando sua voz estentórea (que marcava o ritmo da “dança”) com sua pessoa, que não passava de um “pau oco” [...] (SLENES, 1991, p.62- 63).

Isso mostra que era possível se comunicar, mesmo com as diferenças socioculturais e linguísticas. As famílias linguísticas diferentes, em determinados momentos, se cruzavam e estabelecia o entendimento, além de introduzir palavras de herança bantu/banto nas frases em português explorando as dinâmicas para utilização.

3.1. Batuque

Os batuques marcam a presença da cultura banto, trazida pelos africanos vindos de Angola, do Congo e de Moçambique para diferentes partes do Brasil. A palavra "Batuque" se originou da palavra "Batukajé", um termo Bantu, numa referência ao bater dos tambores, típico das cerimônias religiosas. (www.percussionista.com.br/batuque.html). Atualmente no Brasil, os batuques são utilizados no Carimbó paraense, no Tambor de Crioula do Maranhão; no Zambê do Rio Grande do Norte; no Samba de Aboio sergipano; no Candomblé; no Jongo, no Batuque de Umbigada, entre outros (DIAS, 2017).

3.2. Candomblé

Religião de origem africana trazida para o Brasil pelos negros escravizados. Os orixás, para o candomblé, são divindades religiosas. Possuem personalidade e habilidades distintas, bem como preferências ritualísticas. Em ritmo de dança, o tambor é tocado e os filhos de santo começam a invocar seus orixás para que os incorporem. Os terreiros de Candomblé souberam preservar entre suas paredes uma série de práticas culturais africanas, como as línguas rituais, um panteão e sua mitologia, instrumentos, ritmos, culinária, objetos de culto. Perpetuou-se entre os adeptos dessa religião uma cosmovisão africana, que enxerga o mundo como uma teia de forças vitais em interação, as quais devem manter-se equilibradas através de ritos específicos. O culto aos orixás no Brasil sofreu diversas adaptações e reinterpretações, tornando-se afro-brasileiro (DIAS, 2017).

3.3. Capoeira

Desenvolveu no Brasil, no período da escravização, expressa simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana - notadamente banto - recriados no Brasil. Inspirada em gestos de animais, rituais, costumes africanos e contato com os índios, a capoeira foi criada por africanos e seus descendentes. A Roda de Capoeira, um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente, é reconhecida pelo IPHAN, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. (<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>)

3.4. Carimbó

Dança que têm influências africana, indígena e portuguesa: o batuque africano; os instrumentos indígenas e coluna curvada ao dançar; o estalar de dedos dos portugueses. O Carimbó é marcado pelo uso de um atabaque e os dançarinos apresentam uma coreografia onde os pares dançam soltos. O cavalheiro comanda os passos, seguido pela dama, onde dão inúmeras voltas sempre obedecendo ao ritmo dos instrumentos, lembrando uma dança de roda. Essa dança é praticada na

região norte do Brasil, principalmente no Estado do Pará (<http://www.infoescola.com/danca/carimbo/>).

3.5. Congada

Cortejo com cantos e tambores onde se coroa o rei e a rainha do Congo ou rainha Jinga. Está ligada às tradições de Irmandades Católicas formadas por negros em homenagem a santos como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. São realizadas, predominantemente, no interior de São Paulo e no Estado de Minas Gerais (DIAS, 2017).



Rainha Jinga

Nascida em torno de 1580, na chefatura do Ndongo, filha do principal chefe da região, que tinha o título *dengola a kiluanje*, morreu em 1663, depois de uma longa vida ocupada em grande parte em guerrear com os portugueses.

Por Marina de Mello e Souza

Texto completo disponível em: <http://professoredevanir.blogspot.com.br/2011/04/rainha-jinga-africa-central-seculo-xvii.html>

3.6. Jongo

Conhecido também como Caxambu e Corimá, a palavra "jongo" é originada do termo quimbundo "*jihungu*". O jongo é uma forma de expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos mágico-poéticos. Tem suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua banto. É cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica. Consolidou-se entre os escravizados que trabalhavam nas lavouras de café e cana-de-açúcar localizadas no Sudeste brasileiro, principalmente no Vale do Rio Paraíba do Sul. É um elemento de identidade e resistência cultural para várias comunidades e também espaço de manutenção, circulação e renovação do seu universo simbólico. Tambu, batuque, tambor, caxambu: o jongo tem diversos nomes, e é cantado e tocado de diversas formas, dependendo da comunidade que o pratica. Em 2005 foi proclamado Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil (http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf).

Atualmente o jongo exerce grande influência no samba. (DIAS, 2017)

3.7. Lundu

O lundu ou lundum é uma dança de origem africana, trazida ao Brasil pelos escravizados bantos e é derivada do batuque. Surgiu como designação de várias canções populares inspiradas em ritmos africanos que foram introduzidas em Portugal e no Brasil a partir do século XVI. O Lundu, associado diretamente aos batuques africanos, foi tachado de indecente e pecaminoso nos documentos oficiais, sendo proibido em apresentações nas ruas e teatros (<http://cdpara.pa.gov.br/lundu.php>).

O ritmo e a dança foram mudados com o decorrer do tempo. A sensualidade está presente nos rebolados e o requebrado de quadris, característicos dos movimentos africanos; herdou da cultura europeia, a melodia e harmonia para a composição musical. Atualmente, essa dança é praticada em alguns estados do Brasil, principalmente na região Norte (<http://cdpara.pa.gov.br/lundu.php>).

3.8. Maracatu

Surgiu em Pernambuco e caracteriza-se por danças e músicas acompanhadas de instrumentos de percussão. Cortejos são encontrados nas origens do atual maracatu de baque virado ou nação nas cerimônias de coroação dos reis e rainhas do Congo, e estão ligados às religiões africanas.

O Maracatu é uma manifestação que reúne negros e negras. É responsável pelo fortalecimento identitário de seus componentes que mantém tradição, que pode ser remontada às antigas coroações de reis e rainhas do Congo. Cresceram no carnaval com seus batuques, compostos de tambores, caixas, mineiros e gonguês, e os coloridos pálios que anunciam a presença de reis e rainhas (<http://maracatu.org.br/o-maracatu/breve-historia/>). O Maracatu Rural se fez da junção das várias manifestações de origem negra e indígena como o reisado, o bumba meu boi e os caboclinhos. É reconhecido, pelo IPHAN, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

3.9. Maxixe

União de danças originárias da Europa e da África em nosso país. Foi na região do Rio de Janeiro, que a mistura dos ritmos como o Lundu, a Polca e o Batuque, originou o maxixe, que também influenciou o samba que conhecemos hoje. Uma das versões sobre a origem do maxixe, é que houve influência pela música trazida por escravos de Moçambique, daí seu nome, que também é uma cidade moçambicana. Segundo a versão de Villa-Lobos, o maxixe tomou esse nome de um indivíduo apelidado Maxixe que, num carnaval, na sociedade Estudantes de Heidelberg, dançou um lundu de uma maneira nova. Foi imitado e toda gente começou a dançar como o Maxixe (wikidanca.net/wiki/index.php/Maxixe).

Essa dança tem coreografia com movimentos de requebrados vigorosos, muitos deles vindos do batuque e do lundu.

3.10. Samba

Com origem nos batuques o samba é tocado com instrumentos de percussão: tambor, surdo, timbau, pandeiro, entre outros, e acompanhados por violão e cavaquinho. Samba-enredo, samba de partido alto, samba-canção, samba de gafieira, pagode dentre outros são ramificações do samba. Descende do lundu usado nas festas dos terreiros entre umbigadas e pernadas de capoeira ((<http://portalafrobrasil.blogspot.com.br/2012/10/as-origens-do-samba-um-ritmo-uma-danca.html>)).

Existem algumas versões sobre o termo "samba". Uma delas afirma ser originário do termo "*Zambra*" ou "*Zamba*", oriundo da língua árabe, tendo nascido mais precisamente quando da invasão dos mouros à Península Ibérica no século VIII. Outra diz que é originário de uma das muitas línguas africanas, possivelmente do quimbundo, onde "*sam*" significa "dar", e "*ba*" "receber" ou "coisa que cai". Ainda há uma versão que diz que a palavra samba vem de outra palavra africana, *semba*, que significa umbigada. O *semba* era uma dança religiosa para os angolanos que, levava este nome, umbigada, devido à forma que era dançado (<http://portalafrobrasil.blogspot.com.br/2012/10/as-origens-do-samba-um-ritmo-uma-danca.html>)).

3.11. Tambor de crioula

Também conhecido como Punga essa dança de origem africana envolve cantos e tambores onde os participantes se dispõem em círculo. O Tambor de Crioula é uma forma de divertimento ou de pagamento de promessa a São Benedito, santo negro, e também a outros santos vinculados ao catolicismo tradicional, bem como a entidades cultuadas nos terreiros (ROCHA, 2014).

Os grupos de Tambor de Crioula são formados pelas coreiras, nome dado às dançarinas, pelos tocadores e pelos cantadores, conduzidos pelo ritmo ininterrupto dos tambores e pela influência do canto, culminando na punga ou umbigada. Na punga ou umbigada, parte principal da dança, é um movimento coreográfico no qual as coreiras, num gesto entendido como de saudação e convite, tocam o ventre uma das outras. Muito embora se aproxime de outras danças de umbigada existentes na

África e no Brasil, somente no estado do Maranhão ela é conhecida por Tambor de Crioula (ROCHA, 2014).

3.12. Umbigada

Dança que assemelha o movimento do corpo com o axé e a capoeira, tem como principal função festejar a fertilidade. O Batuque é uma manifestação em que, junto à batucada, há uma dança na qual um homem e uma mulher encostam seus umbigos como parte da coreografia. O elemento principal da coreografia é a "umbigada", ou seja, quando o ventre da mulher bate à altura do ventre do homem. Os participantes dão passos laterais arrastados, depois levantam os braços, batendo palmas acima da cabeça, inclinam o corpo para trás e dão vigorosas batidas com os ventres. Esse gesto é repetido ao fim de todos os passos. A umbigada tem uma espiritualidade muito grande. Dentro da cultura banto existe a visão de que o umbigo é a nossa primeira boca e o ventre materno a primeira casa, a umbigada celebra o momento único em que eles se tocam, é como uma ode, um agradecimento ao dom da concepção, uma ação rápida e mágica, materializada através da dança. (<http://defesadastradicoes.blogspot.com.br/2008/08/batuque-de-umbigada.html>)

4. APROFUNDANDO

Surgimento do Tambor de Crioula

Sobre o Tambor de Crioula ser uma criação nacional, cabe aqui uma declaração recolhida pelo antropólogo Sergio Ferretti, no livro de importante pesquisa sobre a cultura maranhense, intitulado "Tambor de Crioula: ritual e espetáculo". A declaração é do teatrólogo Américo Azevedo Neto:

As informações mais antigas que eu tenho sobre o Tambor de Crioula são as de que ele era feito para esconder exercícios de briga: enquanto que mais para o sul era feito escondido sob o som de berimbau e, no Maranhão, sob o som de tambores. Então o jogo de pernas – segundo informações mais antigas que apurei – era exercitada ao som de tambores; não era propriamente a dança; era como a capoeira da Bahia. Deduz Américo que com a supressão da escravidão, não havendo mais necessidade por parte dos negros de se exercitarem para a luta contra o opressor

branco, “ficou o costume, e aos poucos foi se transformando em uma dança”. Para ele, assim a introdução da mulher no Tambor de Crioula, se deu em época posterior à abolição, isto é, quando sua conotação básica de luta deu lugar a uma coreografia tipicamente de festa.

FERRETTI, S. Tambor de Crioula: **ritual e espetáculo**. 3ª ed. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002 p 51.

Origem das Congadas

As congadas são manifestações que ainda se encontram vivas na nossa sociedade, principalmente em cidades pequenas e regiões rurais. O trecho abaixo mostra o seu surgimento e características evidentes.

As congadas originaram-se dos séquitos de atores, músicos e dançarinos que acompanhavam seus Reis Congos, representantes das linhagens nobres da África na diáspora brasileira, por ocasião das festas religiosas e oficiais. Esses cortejos eram formados por membros das Irmandades Católicas de negros bantodscendentes – São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia –, instituições que historicamente asseguraram ao negro alguma participação numa sociedade que os rejeitava como cidadãos, e se constituíram em importantes repositórios de tradições afro-brasileiras. Foi através dos grupos rituais ligados às irmandades católicas – os congos/congadas – que africanos e seus descendentes passaram a participar das festas públicas desde os tempos da Colônia.(...)

Particularmente em Minas Gerais, as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário ainda desempenham papel fundamental na organização da vida religiosa entre os afrodescendentes. Aí o movimento do Congado parece crescer a cada ano, reunindo suas festas milhares de pessoas vindas de diferentes localidades. Há grande diversidade de congadas nesse Estado, em termos do estilo musical e coreográfico, do instrumental e da indumentária, reflexo talvez da antiga divisão dos africanos por etnia no seio das Irmandades.

Esses grupos são chamados guardas, pois têm por função puxar coroa, isto é, acompanhar os Reis Congos. Carregam tambores artesanais com duas peles tensionadas por cordas e tocados com baquetas: as caixas. O respeito que têm os

congadeiros das Irmandades mineiras pelos seus instrumentos vem de sua importância germinal para a tradição do Rosário: segundo a lenda, foram os tambores feitos pelos escravos africanos que conseguiram tirar Nossa Senhora do Rosário aparecida nas águas com a força de seus batuques, após as vãs tentativas dos brancos. Assim, teria iniciado o festejo à Santa e toda a tradição do Reinado 'Madeira Santa', como dizem.

DIAS, Paulo. **Comunidade do Tambor**. Disponível em: <<https://goo.gl/gj61mN>> Acesso em: 11 jan. 2017.

O desenvolvimento do carnaval no Brasil

O carnaval é uma festa popular brasileira, conta com características diversas em todo o país. Por exemplo, na Bahia o carnaval se caracteriza pelos grandes shows nas ruas, de maior evidência os de Axé. No Rio de Janeiro e São Paulo os desfiles de escolas de samba e no carnaval de rua. O texto abaixo mostra como surgiu essa festa "carnaval" no Brasil.

No Brasil das três últimas décadas do século XIX, sempre que o mês de fevereiro se aproximava, a expectativa pelo Carnaval dividia espaço com as críticas ao Entrudo. Entrudo era a brincadeira com água, farinha e máscaras que desde o tempo da colônia garantia a diversão dos foliões. Primitivo, inconveniente, pernicioso e selvagem eram alguns dos adjetivos usados pela imprensa, por políticos e intelectuais para defini-lo. Tal incômodo com o jogo da molhação se explicava pelo risco de que os "moleques", a "ralé", o "zé-povinho", termos que designavam negros e pobres, extrapolassem os limites da brincadeira e se julgassem em pé de igualdade com os senhores, damas e senhoritas brancas.

Na imprensa, principalmente a partir de 1880, teve lugar uma exaustiva campanha contra o Entrudo. Circulares, decretos administrativos e punições, como multas e prisões, passavam a tratar especificamente dos mecanismos para reprimi-lo. Todo esse aparato legal foi mobilizado para convencer os festeiros a abandonar aquela forma de diversão.

No Rio de Janeiro, fantasias, alegorias e batalhas de confetes compunham os desfiles das luxuosas sociedades carnavalescas do começo do século XX. Muita

coisa vinha diretamente de Paris e era rapidamente consumida por quem tinha dinheiro. (...)

Bem sabemos que o Carnaval brasileiro não se tornou a cópia da sua matriz europeia. De fato a influência europeia estava longe de ser suficiente para suprimir expressões das tradições negras que o Carnaval trazia a público. Mesmo no Rio de Janeiro, onde a vigilância e a repressão eram mais ostensivas, os ranchos, que surgiram nos fins do século XIX, e os cordões, que há muito comandavam a farra, garantiam o grande público. Rancho é como se denominavam os grupos de festeiros que, reeditando um costume português, se apresentavam durante as celebrações católicas, especialmente o Natal e a festa de Reis. (...)

No Nordeste e no Pará os ranchos também são chamados de reisados e, os que mais se destacam, ostentam uma variedade de vestimentas e adornos luxuosos. Na Bahia do século XIX, a cada rancho correspondia um símbolo, porta-bandeira e mestre sala que nas suas coreografias interpretavam a seu modo os passos das danças dos salões das elites. (...)

Os primeiros ranchos carnavalescos cariocas surgiram, no começo do século XX, na região do porto, lugar repleto de maltas de capoeira, candomblés e cortiços onde habitava boa parte da população negra migrante do Nordeste. Era a chamada Pequena África. Na vizinhança do famoso candomblé de João Alabá e do cortiço Cabeça de Porco funcionavam as sedes de vários cordões carnavalescos, a exemplo do Rompe e Rasga, Estrela da Aurora, Nação Angola e Rei de Ouro. (...)

Dentre essas muitas agremiações, uma merece atenção especial, o rancho Rosa Branca e de sua organizadora, Tia Ciata. Ciata é como ficou conhecida Hilária Batista de Almeida (...) tornou-se uma liderança na Comunidade negra Pequena África. Ciata era doceira e trabalhava vendendo nas ruas vestida de “baiana”, ou seja, usando saia rodada, pano da costa, turbante, pulseira e os fios de contas próprios dos seus orixás no candomblé.

Essas roupas, costuradas e bordadas na casa dela, também eram desfiladas no Rosa Branca. Os trajes de “baiana” produzidos na Pequena África faziam tanto sucesso que começaram a ser alugados para fora da comunidade. Outras sociedades carnavalescas começaram a ostentá-los nos desfiles de Momo. Curiosamente, o mesmo Carnaval que tentava excluir as expressões da cultura negra, agora não só as incluía como proporcionava alguma renda àquela população com poucas oportunidades no mercado de trabalho.(...)

Ranchos, cordões e blocos tinham raízes firmes nos terreiros de Candomblé. Pode-se dizer que, em diferentes lugares do país, as religiões afro-brasileiras foram espaço de preservação de heranças africanas e, sobretudo, de criação de uma cultura negra. O curioso nisso tudo é que, enquanto políticos, jornalistas e intelectuais imaginavam que o modelo do Carnaval europeu estava contribuindo para o que chamavam de ‘civilização dos negros brasileiros’, estes criativamente ‘africanizavam’ a festa.

ALBURQUEQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. P.227 a 230

5. COMPLEMENTANDO

Vídeo: “Tambor de Crioula” (3’50”)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h54vSrwWUEo>

Trecho de vídeo institucional produzido para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) dentro do processo de registro da manifestação do Tambor de Crioula como patrimônio imaterial do Brasil. Através do vídeo os alunos poderão ter uma visão de como se manifesta esse movimento cultural no Brasil. Apresenta uma breve história do surgimento do movimento, além de apresentar partes da dança.

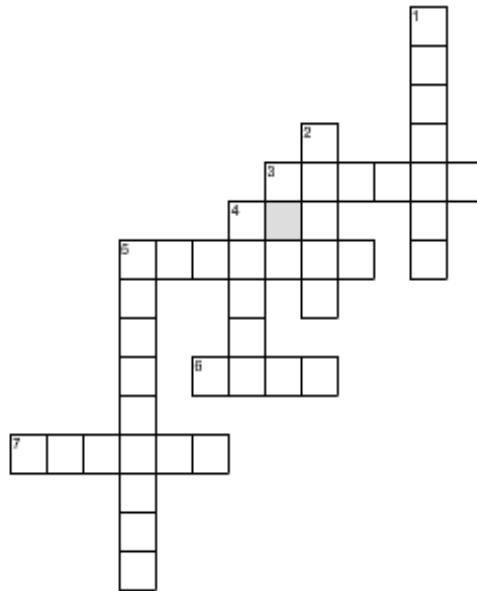
5.1 ATIVIDADES

1) AGORA É SUA VEZ DE MOSTRAR O QUE APRENDEU!

Com base nos assuntos estudados, complete a cruzadinha.

TAMBORES

Da África para o Brasil



Horizontal

3. Instrumento com desenvolvimento junto ao djembê.
5. Está ligada às tradições de Irmandades Católicas formadas por negros em homenagem a alguns santos.
6. Tambor introduzido e desenvolvido na terra Iorubá, atual Benin – Nigéria, há aproximadamente 800 anos.
7. Instrumento de percussão, originário da Guiné, podendo alcançar vários sons.

Vertical

1. Se aproxima de outras danças de umbigada existentes na África e no Brasil. Presente no Maranhão o Tambor de?
2. Dança de origem africana descendente direto dos batuques com requebrado de quadris.
4. Termo genérico para se referir a tambor.
5. Religião em que os orixás são cultuados.

Gerador de cruzadinha: www.educolorir.com/crosswordgenerator/por

2) Para trabalhar os temas transversais “Pluralidade Cultural e Ética; Saúde”, vamos assistir o vídeo: “Maré Capoeira”, de Paola Barreto – 2005, (16’22”).

Prêmios: Festivais de Hamilton (Bermuda), Hamburgo (Alemanha), Oberhausen (Alemanha) e Manaus (2006/2007).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8FxBPGcU4M>

Observação: É importante que o professor conheça sobre capoeira e/ou busque informações antes de iniciar essa atividade.

A) Após assistirem o vídeo, façam uma roda de conversa para apontarem os conceitos que foram expostos e as informações trazidas sobre a capoeira.

B) COLOCANDO O APRENDIZADO EM PRÁTICA!

Vocês já sabem o que é uma “Chula”. Em um momento do vídeo João, mais conhecido como Maré, diz que “as histórias nunca morrem na roda, viram chula” e termina dizendo “um dia, eu ainda vou inventar a minha”. Separados em grupos, trocando ideias com seus colegas, criem uma “Chula”.

C) COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS!

É muito importante compartilhar com outras pessoas o que aprendemos e produzimos. Agora vamos apresentar as “Chulas” para os demais colegas da escola! Com a esquematização do professor, façam a roda de capoeira da turma. Levem os instrumentos (berimbau, atabaque, pandeiro, caxixe, agogô, reco-reco) que conseguirem. Se caso não souberem tocar peça ajuda a conhecidos, eles podem ensinar e até participar no dia da apresentação. Por vez cada grupo deve cantar a sua “Chula” enquanto dois colegas, revezando, podem gingar no meio da roda. Não esqueçam, vocês serão os protagonistas!

Sites para informações sobre capoeira

<http://www.capoeiradobrasil.com.br>

<http://www.portalcapoeira.com>

<http://www.lmilani.com>

<http://www.capoeirista.com.br>

<http://www.abada.org>

<http://www.capoeira-angola.com>

INDICAÇÕES PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA

BINA, Gabriel Gonzaga. **A contribuição do atabaque para uma liturgia mais inculturada em meios afro-brasileiros**. 2006. 108f. Dissertação (Mestrado em Teologia) Centro Universitário de Assunção, São Paulo, 2006.

Esse material apesar de focar no atabaque fala de outros tambores na África. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/54404721/A-contribuicao-do-atabaque-nos-cultos-afro-brasileiros>

SILVA, José Carlos da. Culturas Africanas e Cultura Afro-brasileira: **uma abordagem antropológica através da música**. 2013. 11f. Artigo. Universidade Federal de São Paulo - Campus de Extensão da UNIFESP de Santo Amaro. Santo Amaro, 2013.

Disponível:http://www2.unifesp.br/proex/novo/santoamaro/docs/cultura_afro_brasileira/culturas_africanas_e_afro-brasileira.pdf

Vídeo: “O Atlântico Negro – na rota dos orixás” (53”)

Gênero: Documentário.

Sinopse: Em *Atlântico Negro* somos apresentados às religiões dos orixás, aos lugares sagrados de ambos os continentes e aos resquícios protuberantes da influência de um povo sobre o outro, dando relevância à inversão de vieses: o documentário volta à África e encontra no Benin, uma população que tem como referência sociocultural o Brasil e que ainda se reconhece como brasileira — os agudás. Trata-se de uma comunidade de descendentes libertos e de traficantes de escravos que fizeram o caminho inverso ao do navio negreiro. No Benin e na Nigéria, entrelaçando a história — e, por consequência — o enredo do filme, encontram-se as principais raízes da religiosidade do Candomblé da Bahia, do Xangô de Pernambuco, e do Tambor de Mina, do Maranhão.

Disponível no Youtube: <http://www.Youtube.com/watch?v=5h55TyNcGiY>

GLOSSÁRIO

Bantu/Banto: palavra que significa “homens” ou “povos”. Refere-se a um grupo étnico específico. Constituem um troco linguístico, povos falantes de idiomas que possuem uma origem comum. Abrange mais de quatrocentos variantes, derivadas de um mesmo ancestral (SILVA, 2013).

Batucajé – Antigo termo usado para designar celebração ritual com cânticos e soar de tambores; festa de negros, com música e comida farta (LOPES, 2015, p. 30).

Bimembrafone: caixa de ressonância cilíndrica, e de peles tensas por meio de cordas ou parafusos que apoiados em aros esticam uniformemente as duas peles ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Caixa_\(instrumento_musical\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caixa_(instrumento_musical))).

Bumba meu boi: Festa típica da região nordeste que envolve música, dança, teatro com personagens humanos e animais, trata da morte e ressurreição de um boi. É resultado da união de elementos das culturas europeia, africana e indígena. O

bumba meu boi possui diversas denominações em todo o Brasil, como exemplo: Bumba-meu-boi no Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí; boi-bumbá no Amazonas e Pará; boi-de-reis no Ceará e Espírito Santo ou boi-de-mamão no Paraná e Santa Catarina. É considerado Patrimônio Cultural do Brasil (www.wikidanca.net/wiki/index.php/Bumba_meu_boi).

Chula: São os versos criados para compor música de capoeira. As frases escolhidas podem prestar homenagem a um aspecto do jogo, agradecer a Deus, falar de mestres e valores morais, descrever situações histórico-culturais. (BARBOSA, 2006)

Iyá: Tambor horizontal batá bimembranofone ornado por caixa de ressonância cilíndrica e couro nas extremidades (www.meloteca.com/dicionario-instrumentos.htm).

Iorubá: é um dos maiores grupo étnico e linguístico da África Ocidental (civilizacoesafricanas.blogspot.com.br/...-ioruba.html).

Itotéle: Tambor horizontal batá bimembranofone formado por caixa de ressonância cilíndrica e couro nas extremidades (www.meloteca.com/dicionario-instrumentos.htm).

Membranofones: são instrumentos de percussão, que produzem som através da vibração de membranas distendidas (dicionariportugues.org/pt/membranofone).

Okónkolo: Tambor horizontal batá bimembranofone formado por caixa de ressonância cilíndrica e couro nas extremidades (www.meloteca.com/dicionario-instrumentos.htm).

Percussão: Choque ou embate entre dois corpos. Instrumento de percussão, nome genérico que designa os instrumentos de que se tira o som batendo (Instrumento de percussão, nome genérico que designa os instrumentos da orquestra de que se tira o som batendo).

Polca: é o nome de uma dança de andamento rápido, originária da Polônia ou da Boêmia (www.dicionarioinformal.com.br/polcas).

Quimbundo: Língua africana banta, uma das mais faladas em Angola (<https://www.dicio.com.br/quimbundo/>).

Rainha Jinga: Soberana de Angola do século XVII que resistiu ao domínio português (professoredevanir.blogspot.com/...a-africa-central...).

Reisado: Conhecido também como Reisada, Reseiro e Folia de Reis. Essa festa chegou ao Brasil através dos portugueses. O Reisado é formado por um grupo de músicos, cantores e dançarinos que percorrem as ruas das cidades e até

propriedades rurais, de porta em porta, anunciando a chegada do Messias, pedindo prendas e fazendo louvações aos donos das casas por onde passam. A música no Reisado está sempre presente. O Mestre é o solista, sendo respondido pelo coro a duas vozes. Os instrumentos utilizados alternadamente são: a sanfona, o tambor, a zabumba, a viola, a rebeca ou violão, o ganzá, pandeiros, pífanos e os “maracás”, chocalhos feitos de lata, enfeitados com fitas coloridas. Tem como personagens principais o Mestre, o Rei e a Rainha, o Contramestre, os Mateus, a Catirina, figuras e moleques. O reisado apresenta diversas modalidades e compõe-se de várias partes (omundodeligialopes.blogspot.com.br/...do-patrimnio...).

Pagode: Era usado para designar festas que acontecia nas senzalas. Como estilo musical, surgiu no subúrbio do Rio de Janeiro como variação do samba (<http://www.suapesquisa.com/samba/>).

Samba-canção: Surge na década de 1920, com ritmos lentos e letras sentimentais e românticas (<http://www.suapesquisa.com/samba/>).

Samba de partido alto: Com letras improvisadas, falam sobre a realidade dos morros e das regiões mais carentes. Os compositores de partido alto, mais conhecidos são: Moreira da Silva, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho (<http://www.suapesquisa.com/samba/>).

Samba-enredo: Surge no Rio de Janeiro durante a década de 1930. O tema está ligado ao assunto que a escola de samba escolhe para o ano do desfile. Geralmente segue temas sociais ou culturais. Ele que define toda a coreografia e cenografia utilizada no desfile da escola de samba (<http://www.suapesquisa.com/samba/>).

Samba de gafieira: Foi criado na década de 1940 e tem acompanhamento de orquestra. Rápido e muito forte na parte instrumental, é muito usado nas danças de salão (<http://www.suapesquisa.com/samba/>).

Tambor de mina: O tambor de mina é o termo pelo qual é conhecida a religião que os descendentes de negros africanos de origem jeje e nagô trouxeram para o Maranhão. É uma manifestação da religiosidade popular especificamente maranhense que tem lugar em casas de culto conhecidas como terreiros. Nos rituais são utilizados instrumentos como tambores, cabaças, triângulos e agogôs. Mediante o toque dos instrumentos, os iniciados, em grande parte mulheres, vestidas com roupas específicas para o ritual, dançam e incorporam as entidades espirituais (<http://cafehitoria.ning.com/photo/tambor-de-mina?context=user>).

Zambê: Grande membranofônio de duas membranas estiradas sobre um largo anel de madeira; o tocador carrega-o na frente e o percute em ambos os lados (<https://www.dicio.com.br/zambe-2/>)

PARTE III – PORTFÓLIO

MEMORIAL⁴

Histórias de vida e memória

Cresci em uma cidade pequena, Ressaquinha, onde só havia uma Escola Estadual que se estendia da Educação Infantil ao Ensino Médio. Lembro-me claramente que no “prezinho”, na sala que eu estudava, só havia minha irmã e eu de criança negra e trabalhando nesse ciclo também não havia nenhum professor negro. Eram realizados vários trabalhos, cantigas, leitura de historinhas e em nenhum momento me fora apresentado um personagem negro, nenhuma referência.

Ao entrar no Ensino Fundamental I a mesma estrutura se repetiu. Tínhamos uma cartilha e as ilustrações eram de pessoas brancas, a figura negra que apareceu foi a do saci. Nessa época passava uma novela infantil que eu gostava muito, Carrossel em versão dublada, mesmo sendo criança percebia que o personagem Cirilo, que era negro, sofria preconceito em relação a sua cor e por ser pobre, filho de carpinteiro. Era o personagem que me identificava, pois me via na mesma posição que ele. As minhas amigas ficavam fascinadas com o programa da Xuxa, principalmente com as paquitas. Ficavam brincando que eram paquitas e que pareciam com elas, eu não gostava, não me parecia com nenhuma delas.

Sempre me empenhei muito na escola, tirava notas excelentes e constantemente lembrava de minha mãe falando: “se você quer ser alguém na vida, ter uma boa profissão e não trabalhar em casa de família como eu e suas tias, você tem que estudar.” Ela ficava muito satisfeita quando eu chegava em casa com uma cartinha da diretora, todo bimestre, me parabenizando pelo desempenho. Quando ela me olhava nos olhos, sentia que acreditava em mim e que eu poderia colocar fim em uma geração que não teve oportunidade de estudar e profissionalizar. Um acontecimento marcante, nesse contexto, foi quando eu estava na 4ª série. A diretora quando me entregou a cartinha de parabenização de desempenho disse:

⁴ Trabalho elaborado no âmbito do curso de especialização em História da África, oferecido pela UFJF, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

“continue assim e você vai longe”. Nunca me esqueci dessa frase e sempre me apoiei nela.

No Fundamental II já percebia que figuras, personagens negros começavam a aparecer nos livros, mas o contexto era o da escravidão e a abordagem sempre simplória e de inferioridade. Sentia-me incomodada, quando iam falar, professor ou um colega de sala, sobre qualquer assunto que envolvia negro, o tom da voz e a fisionomia mudavam como se tivessem medo ou receio. A palavra “negro” ouvia pouco, como se fosse algo proibido, em substituição eram sempre usadas as palavras “moreno” e “escravo”. Vivendo nesse contexto, eu não me enxergava como uma pessoa negra, eu estava tão envolvida em um ambiente onde minhas características, raízes não eram referenciadas que era como se eu me encobrisse com uma pele branca. Na minha casa também não havia nenhum tipo de conversa sobre o assunto.

No Ensino Médio tive um professor negro, que foi de grande inspiração. Ele dava aulas de Geografia e sempre que abordava determinados assuntos fazia um gancho e falava da situação dos negros, tanto no passado como no presente. Foi com ele que mais ouvi a palavra “negro”, sua postura era diferente dos outros, pois não tinha receio, fazia referência no conteúdo trabalhado e também levava o contexto atual, do jeitinho dele, sem aprofundar mas fazia. Muitos assuntos, referente à disciplina História, aprendi com ele porque no Ensino Fundamental e Médio foi a mesma professora e ela chegava na sala, pedia para lermos o capítulo e depois responder um questionário, não havia explicação, debate, análise. Naquele momento, no Ensino Médio, com a postura e as abordagens do professor de Geografia, comecei a me ver como eu realmente era: negra e não era a cor da minha pele que me impediria de ser respeitada.

Terminando o Ensino Médio decidi fazer faculdade de História. A escolha teve ligação com a falta de proximidade com essa matéria. Queria entender e conhecer o estudo dessa disciplina, eu sabia muito pouco e via como uma maneira de encontrar respostas para vários questionamentos.

Para cursar uma faculdade tive que optar por uma particular porque minha família não tinha condições financeiras de me manter em outra cidade, então trabalhava para poder pagar o curso. A faculdade mais próxima era em Barbacena, prestei vestibular e passei em primeiro lugar. A felicidade foi extrema, entrar no Ensino Superior era realmente um sonho. Na minha família até a geração da minha

mãe ninguém chegou a uma graduação, eu fui a primeira. Em 2003 iniciei o curso. Durante os quatro anos de graduação, tive somente um professor negro e ele trabalhava com a disciplina Brasil Colônia. Foi nas suas aulas que tive uma maior aproximação às temáticas “negro” e “África”. Cheguei a ter uma disciplina de História da África, mas o professor não era especialista na área e os ensinamentos foram de maneira superficial, não fugindo muito do básico. Minha turma era grande, iniciou com 55 alunos dentre os quais, contando comigo, havia três estudantes negros. Passei por muitas dificuldades: financeira, cansaço por trabalhar o dia todo, ter que ler e estudar de madrugada, distância, problemas familiares, mas com muito esforço consegui concluir o curso em 2007.

Nesse momento já percebia que a maioria dos negros era pobre, poucos conseguiam chegar ao Ensino Superior e que cada vez as possibilidades de melhorar suas condições de sobrevivência eram limitadas. Agora graduada, com uma nova percepção e perspectiva de vida estava ansiosa para entrar em uma sala e ministrar aulas. Minha vontade era fazer a diferença, ensinar de maneira diferente das quais meus professores haviam me ensinado, principalmente aquela professora de História do Ensino Básico.

Devido a problemas de saúde tive que adiar a pós-graduação. Depois de graduada demorei quase um ano para conseguir lecionar e a oportunidade surgiu em uma Escola Municipal em Ressaquinha. Trabalhei com a disciplina Ensino Religioso e na escola acabei sendo muito criticada devido a minha metodologia: dar espaço para os alunos opinarem, levar assuntos polêmicos para serem trabalhados e não ficar presa ao ensino do catolicismo. O ambiente era composto por professores mais velhos, inclusive que já haviam dado aulas para mim, havia um clima de superioridade intenso. A quantidade de aulas era pouca e a remuneração reduzida, já sabia que professor não era bem remunerado, mas, senti na pele a imensa desvalorização para com a classe.

Fui morar em Conselheiro Lafaiete em 2009, com minha irmã, onde consegui substituição de um cargo completo em uma Escola Estadual, permanecendo por todo ano. Lá, consegui trabalhar com História e o nível era Ensino Fundamental. Empenhei bastante, mas não foi fácil, pois as turmas eram muito grandes, muitas situações diversas e não tinha experiência. Contudo consegui fazer um trabalho satisfatório. Na escola não havia livro didático para todos os alunos e percebia que meu aprendizado na faculdade estava um pouco distante do que me era pedido para

trabalhar. Fiquei desanimada e comecei a procurar outros professores. Os que haviam formado há pouco tempo compartilhavam das minhas ideias, opiniões e assim como eu, ficavam, em alguns momentos, com a sensação de que estavam no lugar errado. Cheguei a procurar meu antigo professor de Geografia do Ensino Médio para conversar e trocar algumas ideias. Foi ótimo, ele me orientou e norteou meu caminho. Disse coisas que eu deveria ter ouvido na graduação em relação à realidade da prática docente, principalmente em escolas públicas; as dificuldades que os professores encontram em seus trabalhos, resistência de alguns alunos, pais e da escola quando se fala de determinados assuntos... Fui adquirindo mais clareza sobre o que é, realmente, ser um professor e como eu havia sido preparada para trabalhar em uma escola perfeita sendo que a mesma não existe.

Em 2010 surgiu uma oportunidade na escola Estadual de Ressaquinha e com um cargo completo trabalhei até 2013 no Ensino Médio. Foi um período tenso porque em meados de 2010 casei e acabei mudando para Juiz de Fora. A mudança de cidade não havia sido planejada e para não ficar desempregada, em um lugar que mal conhecia, optei por continuar trabalhando em Ressaquinha e voltar para Juiz de Fora no final de semana. Em 2011 consegui um horário melhor na escola e trabalhava três dias na semana. Em 2012 conseguiram diminuir para dois dias permanecendo o mesmo horário em 2013. Nesse período já não sentia mais aquele receio de quando comecei a dar aula, estava mais segura. Consegui desenvolver bem a disciplina, levava vídeos, slides, estabelecia debates. Os alunos sentiam a vontade nas minhas aulas, eles opinavam, questionavam, pediam para falar de assuntos polêmicos, as aulas eram muito dinâmicas. Meu olhar já estava mais apurado e ao analisar como o conteúdo era trabalhado no livro, conseguia, junto com os alunos, estabelecer críticas e analisar o porquê da maneira de determinadas abordagens, imagens, textos e sempre íamos além do livro. Os assuntos que eles mais gostavam eram de referências às minorias, opção sexual, discriminação, racismo, desigualdade social, inferioridade e superioridade dentre outros. Estava sempre pesquisando sobre esses assuntos e os ligava aos conteúdos do cronograma. Aos poucos fui percebendo que havia muita divergência sobre eles nas minhas pesquisas. A questão era: como separar o que passou por um estudo sério e o que são apenas análises leigas?

Foi aí que percebi que precisava urgentemente voltar para a academia e me inteirar das novas pesquisas, buscar orientação. Ainda não havia feito uma especialização e agora era o momento. Em 2014, com o concurso da Secretaria de Educação do estado de Minas Gerais, consegui uma vaga em Juiz de Fora para lecionar História, onde fiquei contratada até final de 2015. Foi através de uma colega de trabalho que soube da seleção para a especialização em História e Cultura dos Povos Indígenas pela UFJF. Esse assunto estava na minha pauta de pesquisas, pois os livros didáticos pouco se referem a esses grupos e precisava de embasamento para fazer melhores referências sobre eles. Alguns alunos sempre assustavam quando eu dizia que os índios fazem parte da nossa sociedade. Essa reação é frequente porque a abordagem só é realizada no período do “descobrimento do Brasil”, depois é como se estivessem desaparecido. Consegui ser selecionada e o curso foi muito bom, tive professores qualificados e um representante indígena muito importante, Ailton Krenak, que nos acompanhou durante todo o curso. Terminei a especialização no início de 2016 e nas minhas aulas sinto mais a vontade para falar dos indígenas nos períodos históricos estudados, contextualizo, faço indicação e incentivo os alunos a buscarem mais informações sobre esses grupos que estão esquecido pela sociedade.

Enquanto estava fazendo essa especialização, abriu edital de seleção na UFJF para o curso de História da África. Fiquei muito animada, esse assunto também era do meu interesse. Em 2013 tentei o mestrado, também na UFJF, mas não consegui aprovação no projeto e o meu tema estava bem próximo da temática do curso. Vi uma oportunidade de amadurecimento de ideias, aprofundamento de questões que havia aprendido superficialmente e procurava respostas.

Falar da África e do negro sempre foram assuntos velados principalmente em relação às suas práticas religiosas. Eu, além de ser brasileira e viver nesse meio permeado de pré-conceitos tenho a cor da pele escura, sou negra, e já sofri discriminação racial. Alguns questionamentos sempre permearam meus pensamentos: por que pessoas, no contexto de miscigenação do Brasil, sentem repulsa por pessoas de pele negra? Por que existe uma resistência diante dos aspectos culturais africanos e afro brasileiro? Por que afrodescendentes são frequentemente assassinados? Por que quando se refere ao adolescente negro ele é criminoso e ao branco menor infrator? Por que o negro é considerado inferior? Por que muitas pessoas ficam surpresas quando encontram um negro ocupando um

cargo ou profissão de destaque na nossa sociedade? Essas, dentre outras, são perguntas sem respostas fundamentadas.

A escolha da especialização em “História da África” está ligada a diversos aspectos, a começar pela minha formação acadêmica, História, que está estritamente relacionada ao tema. Estar preparada para falar seguramente sobre a África é fundamental, pois ao fazer referência à mesma estamos relacionando a nós brasileiros. A nossa história por muito tempo, beneficiou com maior intensidade a postura europeia, deixando em segundo plano a história da África, dos negros e também dos povos indígenas que trouxeram e ainda trazem contribuições para a cultura e antes disso, a formação do povo brasileiro.

O estudo do continente africano é muito importante não só para o entendimento da população, do desenvolvimento e da cultura, possibilita a correção das referências equivocadas que posso estar carregando, tornando mais denso meus conhecimentos sobre suas características, realidades e também a compreensão da situação atual do Brasil. Muitos fatores de nossa história ficam com interpretações superficiais ou subestimadas pela ausência de informações históricas e explicações. Essa situação, muitas vezes, é propagada por professores que por fragilidade no conhecimento do tema são impedidos de diminuir e até romper com a visão negativa do continente africano e dos negros através de embasamento teórico. Com o curso poderei somar o número de difusores desse conhecimento trazendo contribuições para a sociedade.

Diminuindo a visão negativa da África, enfatizando suas grandezas e diversidades, teremos possibilidades de contribuir para a suavização e conseqüentemente acabar com o preconceito racial. Sempre é sempre vista como um país e não como um continente, inferior, infestado de doenças e pobreza. Para isso é necessário o incentivo ao respeito para com as diferenças, fazer referências aos negros, índios e brancos os colocando no mesmo grau, nível de importância. Fazer com que os alunos se sintam integrantes da sociedade independente como são fisicamente ou socialmente. A escola é o melhor meio de difusão dessas ideias, análises e informações, pois nela o aprendizado é gradativo. Cabem a nós, profissionais da educação, evitar que se propaguem deturpações, podendo ser alcançada novas informações através de formações contínuas. Devemos trazer a África, sua cultura, seu povo para mais próximo dos alunos e o estudo da História desse continente é a base para isso. A África está perto de nós e as pessoas não

percebem, não entendem e/ou fingem que não veem; é preciso romper com esses estereótipos.

Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

Depois de todas as dificuldades, questionamentos colocados em posição e desdobramentos de solução, diante da prática pedagógica, foram necessários realizar experimentos para verificação do que realmente era válido ou não. Somente através de acontecimentos diários é possível analisar como devem ser apresentados, para os alunos, os conhecimentos adquiridos durante a graduação.

Quando comecei a lecionar em 2007, a realidade sócio cultural das crianças e adolescentes em Ressaquinha, expressava muito diferente da atual. As condições financeiras eram baixas, tinha-se pouco acesso às grandes tecnologias e bens de consumo. Por ser uma cidade pequena e atendendo alunos da zona rural, era perceptível o interesse e a força de vontade de aprenderem para obterem melhores condições de vida. Mesmo sem experiência, me empenhava, tentava fazer o melhor para um bom rendimento dos alunos. Sempre gostei de partir dos conhecimentos dos mesmos, antes de começar a explicar a matéria estabelecia um diálogo, os questionava sobre o que já haviam ouvido falar sobre o assunto, o que imaginavam, do que poderia se tratar e assim os fazia aproximar e sentirem integrantes daquele momento, não como pessoas passíveis na aprendizagem, mas, como ativas dentro de uma perspectiva de troca de conhecimentos.

Isso era novidade para os alunos porque estavam acostumados a ficarem calados durante as aulas, sem opinarem e só ouvindo o professor. Então, conseguir com que falassem e expressassem não foi uma tarefa muito fácil, a maioria ficava com vergonha de mim, tinham receio de falar algo errado ou que eu não gostasse, em relação aos colegas tinham medo de serem chacoteados. Aos poucos foram acostumando com a minha metodologia e eu já conseguia uma boa participação das turmas. Como trabalhei, inicialmente, com Ensino Religioso aproveitei a oportunidade para levar assuntos voltados para as relações sociais em geral, rompendo o tradicional estudo do catolicismo. Alguns colegas de trabalho não eram adeptos do que eu fazia e sempre ouvia um comentário maldoso: “vai dando liberdade, daqui a pouco você não vai dar conta”. Sentia mal com essa situação, mas, tinha o objetivo de trazer a disciplina dentro de uma proposta mais

participativa, mais próxima dos alunos e não poderia desistir sem ao menos tentar levar a diante. Os resultados começaram aparecer, os alunos já não estavam tão tensos, ficavam mais a vontade para perguntarem e opinarem. Como as turmas eram de Ensino Fundamental foi um trabalho complicado em manter a ordem, a organização. Gradativamente fui aprendendo a lidar com as várias situações de euforia e a disciplina foi se estabelecendo.

Indo para Conselheiro Lafaiete, a situação foi bem diferente da anterior. Agora trabalharia com a disciplina História e a escola que fui designada a fazer substituição, por quase um ano, ficava na periferia. Ela era muito maior em relação a que eu trabalhei antes, muitos alunos, barulho intenso, comportamentos agressivos, grande movimento de drogas, linguagem carregada de gírias e perfis diversificados....essa realidade me assustou um pouco. Na primeira semana foi um desastre! Enfrentei forte resistência pela maioria, não me davam oportunidade de mostrar para o quê estava ali, tive vontade de desistir! Precisava trabalhar, então tinha que me desdobrar para conseguir com que me ouvissem e, principalmente, se interessassem por aquilo que eu viria a propor. Percebi que o enfrentamento não dava certo, só gerava desgaste de ambos os lados. Comecei a usar a seguinte estratégia: falava em tom de voz razoável, que não ficava estridente para quem estava na frente e que era possível, para quem estava na última carteira, ouvir de maneira nítida; só pronunciava diante do silêncio dos alunos e quando começavam a conversar, eu parava de falar, direcionava o olhar para o determinado aluno e dizia que independente de conseguir explicar ou não, lançaria a matéria no diário e cobraria na prova; aguardava até que o silêncio permeasse o ambiente.

Inicialmente, tinha que esperar bastante, era frustrante! Não desisti e consegui com que me ouvissem. Quando começaram, de fato, a se interessarem pelos assuntos trabalhados as aulas começaram a ficar dinâmicas porque havia interação e o rendimento foi muito melhor. Eles ficavam animados e antes de iniciar a aula sempre me perguntavam: “o que vamos conversar hoje?” Mesmo sendo desgastante esse período, foi um momento de amadurecimento enquanto profissional. Percebi que não há uma fórmula pronta que se aplica a todos, cada escola, turma, aluno tem uma maneira diferente de percepção e ser maleável tentando novas possibilidades é algo que deve ser constante. O meu objetivo deveria permanecer, a maneira para atingi-lo deveria ser analisada, modificada e

aperfeiçoada de acordo com o tempo, com as minhas aprendizagens, experiências e público a ser atingido.

Nesse contexto, eram muitas novidades, desafios, preocupações e mesmo com a perspectiva de levar para os alunos uma nova maneira de entender e debater assuntos relacionados à disciplina História, eu ficava presa aos conteúdos apresentados nos livros didáticos. Sentia que precisava de mais suporte, mais conhecimento, o que os livros apresentavam eram superficiais e não davam enfoque para muitos assuntos que eu considerava importantes, como a temática indígena, o continente africano, racismo, discriminação...

Com a oportunidade de trabalhar no Ensino Médio fiquei mais animada, considerava que me daria melhor com essa faixa etária. Ao iniciar meu trabalho, os alunos assustaram, pois, estavam adaptados com aquela metodologia de ler o capítulo, responder questionário e decorar. Era a mesma metodologia aplicada quando eu estudei! Realmente eu precisava começar a romper com aquela estrutura! A ideia de um ensino mais detalhado e aprofundado da História me deixava muito empolgada, queria usar termos, fazer referências às questões que havia aprendido na graduação, o que era difícil de realizar no Fundamental por estarem adquirindo uma base. Continuei com a metodologia, de abertura aos alunos para participarem, e fui agregando outros aspectos. Levava textos ou trechos de historiografia para seminários, deixava temas para apresentarem, pedia produção escrita sobre assuntos da aula, trabalhava com imagens, gráficos, vídeos. O que era realizado nas aulas estabelecia-se como meio de avaliação deixando somente uma prova para compor a nota. Tudo isso era novidade para os alunos e vieram a resistências. Alguns reclamavam porque não queriam apresentar trabalho, pois, tinham vergonha de falar, ficavam com receio de não conseguirem ponto porque boa parte estava direcionada à participação nas aulas. Fui mostrando para eles a importância de comunicarem, expressarem, questionarem e foram se soltando, sendo um processo lento e gradual. O resultado foi positivo.

No segundo ano consecutivo, na mesma escola, pude dar continuidade ao trabalho. Os colegas professores sempre me direcionavam com palavras de apoio, os alunos já estavam mais interessados e a disciplina que antes era passiva à decoreba tornou-se ativa à crítica. Como os alunos já haviam mudado de postura, resolvi incrementar uma tarefa para o terceiro ano: portfólio. Na graduação cheguei a fazer como avaliação de determinada disciplina e achei interessante porque era

possível colocar seus aprendizados e ao mesmo tempo ao longo de um período poderíamos perceber o quê e em quê avançamos. A proposta para os alunos foi de escreverem um texto a cada tema, com suas aprendizagens, críticas, análises e mostrar a importância do tema para sua vida. Depois de entregue, se necessário, fariam a correção e anexariam á pasta. Gostaram da proposta e os mesmos foram percebendo como a escrita e o rendimento estava melhorando.

Mesmo sem orientação, continuava buscando assuntos que os livros didáticos não abordavam e eram sempre assuntos que os alunos tinham curiosidade em saber como religiões africanas e afro descendentes, influência cultural dos indígenas e africanos, como os negros viviam na África, cotas em universidades e concursos, dentre outros. Não dominava esses assuntos, mas, sempre procurava apresentá-los da melhor forma possível, porém evitava, às vezes, falar sobre o que não tinha conhecimento. Optava por esse caminho para não incorrer em discussões vazias ou deturpadas.

Nessa escola, o assunto relacionado aos negros estava tão presente nas minhas aulas que uma turma de terceiro ano, na Feira de Ciências, queria apresentar um trabalho relacionado ao tema. Levaram a intenção até a direção, argumentando a importância da difusão do tema. A Feira que até então era de Ciências se tornou de Culturas e Ciências. Foi uma iniciativa muito bacana, tanto dos alunos como da direção. O tema do trabalho que apresentaram foi: “A África está entre nós” mostrando as várias influências e contribuições trazidas pelos negros. O que me chamou atenção, foi não focarem na passividade dos negros e mostraram como eram e são pessoas ativas em vários aspectos. O trabalho foi um sucesso, a escola como um todo e os visitantes gostaram tanto da parte visual como de conteúdo, explicação oferecida pelos alunos.

Em 2014, surgiu oportunidade de trabalhar em Juiz de Fora. Então com muito pesar, pois estava desenvolvendo um trabalho com resultados, abri mão das aulas em Ressaquinha. Sei que fiz o que estava dentro do meu alcance e conhecimento deixando ali raízes.

Estava sempre pesquisando em vários livros e na internet e mesmo diante de tanto material estava um problema: como saber o que realmente é uma fonte confiável? Que assuntos já haviam alcançado novos debates? Acabava um pouco perdida. Era necessário buscar ajuda e estabelecer uma formação contínua através de cursos e especialização. Fazer uma pós-graduação

na rede particular era caro e não tinha condições de arcar com os gastos. Como não era da cidade de Juiz de Fora, não sabia os procedimentos para ingressar na Universidade Federal. Ao mesmo tempo via como algo distante, pois quando entrei na graduação, na rede particular, pessoas como eu negras e de classe social pobre quase não tinham acesso às Universidades Federais e mesmo com vários programas do governo ainda via o ingresso distante. Mas não desisti, procurei me informar e decidi tentar o mestrado. Meu projeto tratava de analisar uma comunidade quilombola na cidade que morava, Ressaquinha, um assunto que considero importante e que fora fomentado diante das dificuldades em encontrar assuntos relacionados aos negros que não fossem simplesmente vítimas, referência somente de Palmares e também o trabalho que desenvolvia na escola daquela cidade.

Meses antes cursei uma disciplina obrigatória do mestrado “Mercado, Cultura e Poder” que agregou muito aos meus conhecimentos e às minhas aulas. Acabei não sendo aprovada e cursei outra disciplina. A meta agora era não me distanciar da Universidade, era a fonte que alimentaria os meus objetivos. Passei na especialização em “Cultura e História dos Povos Indígenas” e com os aprendizados a qualidade das minhas aulas estavam muito melhores. Sentia mais a vontade para falar sobre os indígenas, o que não acontecia somente em tópico específico, a qualquer momento durante as aulas, estava sempre conectando com temas tradicionais da disciplina. Buscava sempre ampliar as discussões, colocava questões a serem pensadas, incentivava os alunos a pesquisarem acontecimentos recentes que envolvia povos indígenas, oferecia referências. Os alunos correspondiam muito bem e a participação era intensa porque tudo, infelizmente, era novidade para eles assim como foi para mim. Trabalhei nessa escola em 2014 e 2015, já estava mais ciente de que experiência e busca de conhecimento devem sempre caminhar juntos.

Quando estava terminando essa especialização passei em outra: “História da África”. Na aula inaugural, logo percebi que tinha muito o que aprender e o curso iria oferecer os subsídios necessários para melhorar, ainda mais, a qualidade das aulas, além de acrescentar meus conhecimentos. Muita informação, novidades e pesquisas, pouco sabia, menos ainda, os alunos tinham acesso. Quando iniciei meus trabalhos nesse ano, comecei a colocar em prática os aprendizados do curso. O interessante é que os ministradores das aulas estão sempre preocupados em

passar as produções de conhecimento e, ao mesmo tempo, de como essas informações chegarão ao Ensino Básico. Em cada aula, com cada texto sempre me coloco em posição de como eu gostaria que as informações chegassem até mim se eu fosse aluna do Ensino Fundamental ou Médio. No caso, a minha preferência é que seja de forma simples, como através de conversas e proximidades com meu cotidiano.

A partir dessa análise tenho procurado introduzir debates e questionamentos dentro da realidade social, econômica, cultural e política atual utilizando as informações na escola que assumi esse ano. Por incrível que pareça é possível, não fico mais presa a um tema, a partir dele consigo fazer conexões e incentivar os alunos a fazerem o mesmo. Estar em busca de novos conhecimentos é fonte primordial para a qualidade do ensino. Muitas informações já foram passadas no curso e as que mais me chamaram atenção, por eu não ter noção sobre tais, consistia: a análise do imaginário europeu sobre o continente africano em que vários estudiosos justificavam a inferioridade desses povos com suas teorias raciais; a dinâmica do tráfico de escravizados e principalmente a participação, historicamente ativa, de africanos em inúmeros movimentos internos e externos.

Na escola que estava atuando, percebi que havia um forte preconceito em relação às religiões afrodescendentes e resolvi introduzir esse tema. Não ia diretamente ao assunto para não causar mais resistência, comecei a trabalhar questões sobre preconceitos, imaginário, diversidades, respeito, até chegar ao tema. Assim, começaram a interessar sobre o assunto, queriam saber inúmeros aspectos e logo detectei que a resistência estava pela falta de conhecimento. Alguns livros já apresentam essa possibilidade, junto ao tema são apresentados textos historiográficos que retratam mais o cotidiano se aproximando de uma dinâmica de abertura ao debate.

Estava desenvolvendo um trabalho diferenciado na escola e acabei desligada em maio, eram turmas do Ensino Fundamental, oitavos e nonos anos. As aulas eram bem animadas, os alunos participavam e gostavam, era como se sentissem parte dos acontecimentos de forma real, mesmo com distância temporal de alguns temas. Percebi que começavam a questionar, apontar novas possibilidades e até o comportamento começou a mudar. Depois que saí da escola, mantive contato com muitos alunos, eles afirmavam que eu ensinava diferente, que eles além de entenderem se sentiam próximos e integrantes de um meio que viam com

distanciamento. Através das falas dos ex-alunos, percebo que consegui colocar uma “sementinha” que espero que cresça. Quanto ao “ensinar diferente”, soa mais como ter informações que antes não tinham acesso. As aulas, os textos, indicações de vídeos e filmes têm contribuído de maneira inestimável para meu aperfeiçoamento profissional, além do curso estar superado minhas expectativas, é muita qualidade.

Práticas pedagógicas: intervenções e ações socioeducativas

O novo sempre assusta, causa resistência, questionamentos e o nosso trabalho, enquanto professor, não fica à parte disso. São muitas novidades, tecnologias, pesquisas, informações que se não ficarmos atentos acabamos por nos perder nesse meio. Assim são as diversidades de assuntos que cada disciplina traz e no meu caso, por trabalhar com História, sempre me esbarro nesses aspectos, sem mencionar a dinâmica dessa disciplina. Tentar abordar os diversos temas, de maneira diferente, é repensar a prática pedagógica buscando estratégias que visem o aprendizado e a inserção dos mesmos, pelos alunos em seu cotidiano.

Ao que remete a temática África, existia uma resistência ao abordar as pluralidades desse Continente e isso ocorria por vários fatores: o desconhecimento sobre sociedades, culturas, organizações políticas; a resistência por estar ligado a assuntos polêmicos como religião, racismo e escravidão; inferiorização dentro da perspectiva eurocentrista, são alguns exemplos. Com a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana em todas as escolas, públicas e particulares, do Ensino Fundamental e Médio tornou-se um grande avanço para a Educação nesse quesito. Fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira além de mostrar a importância do estudo da África assim como de qualquer outro local.

Importa, no entanto, ter presente que as escolas e os professores não estão isolados, ou seja, a mudança da educação constrói-se nas escolas em articulação com as comunidades envolvidas e com os centros de investigação e formação do ensino superior, principalmente relacionado a esse tema. Portanto, os professores exercem importante papel no processo da luta para inserção de assuntos relacionados à temática nas escolas e nas suas aulas, buscando romper com os preconceitos relacionados à África e ao negro.

Nesse contexto percebo dois tipos de estratégias para a aplicabilidade da lei 10.639/03: relacionar constantemente assuntos ligados à temática com tópicos históricos tradicionais e/ou através de projetos mais direcionados e concretos. Ambos são importantes e os resultados dos mesmos são bem diferentes. Quando se estabelece uma dinâmica dos assuntos tradicionais históricos com os relacionados à África, a apreensão, assimilação e reflexão são mais consistentes porque acaba-se por alicerçar, também sobre África, a naturalidade em se referir a qualquer temática, minimizando as resistências.

Pensando em ações que contribuam para maior difusão do conhecimento, de forma mais crítica sobre a História da África e dos afrodescendentes, no mês de Agosto ao começar a trabalhar o período de 1930 a 1945 com turmas do 3º ano do Ensino Médio, optei por fazer de maneira bem diferente ao que estava habituada. Geralmente falava sobre “Governos Totalitários”, “Era Vargas” e “Segunda Guerra Mundial”, de forma separada. A proposta era falar de um assunto e ir mediando os demais, exercendo conexões e expandindo para uma abordagem de questões ligadas a África e afrodescendentes. No final do estudo esperava que os alunos conseguissem ter uma dimensão mais ampla desse período considerando os diferentes movimentos e processos.

Colocando essa ideia em prática iniciei (1ª aula) com uma revisão do “Período Oligárquico no Brasil”, sendo que as informações que ia montando o esquema no quadro eram ditas pelos alunos, eu as direcionava. Ao estabelecer o esquema fiz um recorte para falar de Mussolini e Hitler até chegar no Nazismo e Fascismo.

Na 2ª aula comecei recapitulando o que havíamos refletido e a proposta era um seminário com o texto “A sobrevivência do racismo e a necessidade de combatê-lo”⁵ que se estendeu para a 3ª aula. A escolha desse texto se deu por abordar diversos aspectos dos quais poderia levar informações que adquiri no curso.

Aspectos apresentados no texto

- Pesquisas genéticas mostrando que seres humanos fazem parte de única espécie.

Reflexões e novas informações

- Utilização de medição de crânios para mostrar inferioridade dos negros (craniometria); deterministas raciais (enaltecer os supostamente

⁵ Esse texto encontra-se no livro didático da editora Saraiva “Saber e fazer História 9º Ano” de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues.

puros); criminalidade como fenômeno físico e hereditário (Antropologia Criminal).

- Raça e racismo.

- Crime inafiançável; análise do conceito raça; exemplos de práticas racistas.

- Estatuto da igualdade racial aprovado em 2010.

- cotas em concurso e universidade; como diminuir e acabar com o racismo.

O seminário foi muito bom, até aqueles alunos mais acanhados contribuíram com reflexões e a participação foi de toda a turma. No começo ficaram receosos, mas aos poucos as ideias, considerações, exemplos e análises foram surgindo e percebi como eles se sentiram integrantes daquele momento e das discussões.

Na 4ª aula retomei ao esquema no quadro, relembrei com eles os principais aspectos que havíamos analisado e dei continuidade com a “Revolução de 1930 no Brasil; Governo Provisório, Constitucional e início do Governo Estado Novo de Vargas”.

Seguindo para 5ª aula voltamos aos pontos principais estudados e fiz algumas perguntas: nesse período de 1930 a 1945 como estão os negros, estudantes e indígenas no Brasil? Eles fazem parte da sociedade. O que estão produzindo e/ou reivindicando? Qual a posição do governo (política) perante essas pessoas? Esperei por alguns minutos e as reações foram variadas: ficaram espantados! Um olhava para outro; saía uma risadinha de canto de boca sem graça; murmúrios de que não tinham ideia. Intervi para acalmá-los fazendo a proposta de um trabalho. Deveriam pesquisar sobre índios, negros e estudantes no período de 1930 a 1945 no Brasil e depois escreverem sobre tal, argumentando e contextualizando. Conversei com eles sobre os perigos de informações deturpadas na internet e a variedade de fonte que encontrariam. Pedi para cruzarem os informes e ofereci referência básica. Tiveram 15 dias para produzirem. Nesse tempo, que

estipulei, vários alunos me procuraram, uns falaram que o trabalho estava muito difícil; outros que não estavam encontrando informações; alguns disseram que não iam fazer porque não conseguiriam... muitas queixas.

Mesmo os incentivando fiquei desanimada e achei que boicotariam o trabalho. Me surpreenderam, pois, na data estipulada todos entregaram o trabalho e ao fazer um breve apanhado do que colocaram nos textos – os mesmos foram apontando - apareceram informações sobre: movimento da Frente Negra Brasileira, imprensa negra com referência aos jornais, negro e a luta por seus direitos, Teatro Experimental do Negro; participação dos estudantes na Revolução Constitucionalista de São Paulo, 1º Congresso da Juventude Operária-Estudantil, surgimento da Juventude Comunista, a Juventude Integralista, a União Democrática Estudantil, a Federação Vermelha dos Estudantes, a Frente Democrática da Mocidade, União Nacional dos Estudantes (UNE), durante a Segunda Guerra Mundial, em pleno Estado Novo, os estudantes brasileiros iniciaram campanha contra o nazi-fascismo e pela redemocratização nacional; SPI para tutelar os indígenas, luta pelas terras, visita de Vargas a uma comunidade indígena, 1º Congresso Indigenista Interamericano.

Ao ler o que produziram a surpresa foi maior. As reflexões foram de qualidade, ficando perceptível o empenho dos mesmos. Fiz um levantamento, e somente 6% fizeram cópia da internet e simplesmente anotaram as informações, o restante contextualizou e argumentou.

Continuando a matéria, na 6ª aula fiz um recorte no “Estado Novo” para falar sobre a 2ª Guerra mundial. Para referir a esse tema usei slides com bastante imagens para facilitar o aprendizado e a relação com o que está sendo explicado. No decorrer da explanação falei sobre a África: contextualizei no período (neocolonialismo); quando Mussolini inicia o processo de invasão da Etiópia em 1935, mas a partir de 1939, as forças britânicas junto com patriotas etíopes iniciam a Campanha da África Oriental com o objetivo de garantir a soberania do Estado africano em 1941, que culminou na soberania completa com a assinatura do Acordo Anglo-Etíope em 1944; o que representava a resistência e a vitória sobre os italianos; recrutamento de soldados africanos para lutarem na guerra.

Esse tema estendeu para 7ª aula onde trabalhei dois textos complementares: “A invasão da Etiópia”⁶ que mostra características dessa região e como os etíopes veem a figura de Selasié; “África na segunda guerra mundial: um capítulo esquecido”⁷ que aponta como se deu o recrutamento de soldados africanos e os sobreviventes.

Na 8ª aula encerrei o período do Estado Novo e intermediando, os alunos estabeleceram um feedback exercendo conexões dos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que estudamos no período de 1930 a 1945 no Brasil e em outros países. O resultado da aprendizagem foi positivo e consegui inseri a temática África e afrodescendentes nas aulas. A intenção dessa metodologia foi fazer com que os alunos percebam que as diversidades do Continente africano são tão importantes quanto de qualquer outro Continente, que não há superiores ou inferiores e sim dinâmicas e complexidades.

Considerações finais

Construir esse portfólio foi de suma importância para visualização, de como no decorrer de períodos, se deu a relação entre o aprendizado e a prática do mesmo. Através das reflexões acerca dos acontecimentos, ficam visíveis os avanços, falhas e perspectivas de melhora da prática pedagógica. Esse trabalho de reflexão colaborou e deixou aparente como venho trabalhando a temática “África” com os alunos, o que deu certo, o que não surtiu efeito esperado, como preciso e é necessário reforçar aspectos que não havia me atentado e que tomei conhecimento com o curso.

Colocar em prática o que se aprende na academia muitas vezes não é tão simples, por isso é necessário pensar e repensar como as informações estão chegando ou chegarão aos alunos. É preciso criar estratégias pra atingir as diferentes idades e séries de ensino. O primeiro passo foi dado com o curso de História da África, agora é utilizar os conhecimentos para a difusão, análise, reflexões sobre a temática.

⁶SALINAS, Samuel Sérgio. *Antes da tormenta: origens da Segunda Guerra Mundial, 1918 – 1939*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1996. P. 71 – 74. Esse texto encontra-se no livro didático da editora Saraiva “Saber e fazer História 9º Ano” de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues.

⁷Texto retirado de <http://www.dw.com/pt/%C3%A1frica-na-segunda-guerra-mundial-um-cap%C3%ADtulo-esquecido/a-18437591>. Acesso em 18/08/16

Foi possível, durante os estudos, ter acesso e contato com vários professores mestres e doutores em diversos assuntos relacionadas à África. Essa dinâmica trouxe o benefício de foco e direcionamento específico às apreciações de questões. Logo, foram vastas as referências, chegando até nós produções atuais sobre a temática África.

Com todo esse arcabouço, agora é organizar, planejar e adaptar para levá-lo aos alunos. É possível que em algum momento possa encontrar resistência, seja por parte de alunos, escola e pais, mas a luta precisa ser constante, pois o principal armamento, o conhecimento, fora adquirido e continuarei aprimorando, agora é colocar em ação através de iniciativas, que do ponto de vista teórico e prático, venham a beneficiar os alunos e demais.

REFERÊNCIAS

ALBURQUEQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BARBOSA, Maria José Somerlate. As Sereias Cantam no Mar: A Representação da Mulher nas Cantigas de Capoeira. Disponível em: <http://www.plcs.umassd.edu/plcs12texts/barbosajun162006.doc>

BERRUEZO, Luna Borges. **Os candomblés Angola** – Ngoma e as sonoridades sagradas de matriz Banto no Brasil. Graduação no Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, s./d. Disponível em: <http://docplayer.com.br/14256752-Os-candombles-angola-ngoma-e-as-sonoridades-sagradas-de-matriz-banto-no-brasil.html>

BINA, Gabriel Gonzaga. **A contribuição do atabaque para uma liturgia mais inculturada em meios afro-brasileiros**. 2006. 108f. Dissertação (Mestrado em Teologia) Centro Universitário de Assunção, São Paulo, 2006.

CARDOSO, Ângelo Nonato Natale. **A linguagem dos tambores**. Salvador, 2006. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Música/Etnomusicologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada**: a renovação do presente pelos filhos do Rosário. Brasília, 2006. Tese (doutorado) Programa de pós – graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

DANTAS, Tiago. **Bumba meu boi**. *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/folclore/bumbameuboi.htm>>. Acesso em 31 de dezembro de 2016.

DIAS, Paulo. **Comunidade do Tambor**. Disponível em: <<https://goo.gl/gj61mN>> Acesso em: 11 jan. 2017.

DIRLEY, Fernandes. Congadas e Maracatus. In: _____. **O que você sabe sobre a África?** Uma viagem pela história do continente e dos afro-brasileiros. 1º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 86.

D'OSOGIYAN, Fernando. **Candomblé**. 2016. (Blog). <https://ocandomble.com>

FERRETTI, Sergio. **Tambor de Crioula**: ritual e espetáculo. 3. ed. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002

HAMPATÊ BA, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. **História Geral da África I**. Brasília: UNESCO, p. 167-212, 2010.

KI-ZERBO, Joseph (Coord. do vol.). História Geral da África. Vol. 1: **Metodologia e Pré- História da África**. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.

LOPES, Nei. **Dicionário Escolar Afro-brasileiro**. 2º ed. São Paulo: Selo Negro, 2015.

LWANGA-LUNYIIGO, Samwiri & VANSINA, Jan. “Os povos falantes de banto e a sua expansão” *In: História Geral da África, Volume III: África do século VII ao XI*. Brasília: UNESCO, Secad/MEC, UFSCar, 2010.

MAHUMANE, Vanda. Danças Tradicionais de Moçambique. 2012. Tema: Dança Mapico. **Portal MMO**. Julho, 2012.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. Brasília: FUNAG, 2012.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MUNANGA, Kabengele(org). **Superando o racismo na escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005. 204p.: il.

OLIVA, A. R. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos afro-asiáticos**. Rio de Janeiro vol. 25, nº 3. p. 421-461, 2003..

ROCHA, Maristela. **Patrimônio Imaterial: o tambor de crioula**. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 12, n. 1, p. 373-380, jan./jul. 2014.

ROSA, Allan da. O Sol no horizonte do tronco banto brasileiro. *In: D´SALETE, Marcelo. Cumbe*. São Paulo: Veneta, 2014, p. 174

SANTOS, Elaine Ribeiro da Silva dos. **Sociabilidades em trânsito: os carregadores do comércio de longa distância na Lunda (1880 – 1920)**. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em História Social- Departamento de História. Universidade federal de Alfenas. São Paulo, 2016

SILVA, José Carlos da. **Culturas Africanas e Cultura Afro-brasileira: uma abordagem antropológica através da música**. 2013. 11f. Artigo. Universidade Federal de São Paulo - Campus de Extensão da UNIFESP de Santo Amaro. Santo Amaro, 2013.

SILVA, ‘Salloma’ Salomão Jovino da. **Mosaico Negro Brasileiro**. 2010. Tema: Cultura diaspóricas negras. (Blog) <http://mosaiconegrobras.blogspot.com.br/>

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SLENES, Robert. “**Malungu, ngoma vem!**”: África coberta e descoberta do Brasil. **Revista USP**, n. 12, p. 48- 67, dezembro de 1991.

Sugestões de sites sobre as culturas negras e africanas

<http://africaeafrikanidadenoja.blogspot.com.br/2011/10/origem-do-tambor.html>

<http://afrobrasilunesp.blogspot.com.br/2011/10/bahiafrica-influencia-do-batuque-negro.html>

<http://almanaque.folha.uol.com.br>

<http://cafehistoria.ning.com/photo/tambor-de-mina?context=user>

<http://cdpara.pa.gov.br/lundu.php>

<http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/2011/12/tambor-djembe-gana.html>

<http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/2012/02/morte-e-ressurreicao-entre-os-ndembos.html>

<http://defesadastradicoes.blogspot.com.br/2008/08/batuque-de-umbigada.html>

<http://dicionariomb.com.br/maxixe/dados-artisticos>

<http://espadadeogum.blogspot.com>

<http://ifaon-line.blogspot.com.br/2011/12/tambor-breve-sintese-origem-e.html>

<http://maracatu.org.br/o-maracatu/breve-historia/>

<http://musicabrasilis.org.br/instrumentos/tambor>

<http://portalafrobrasil.blogspot.com.br/2012/10/as-origens-do-samba-um-ritmo-uma-danca.html>

<http://portal.iphan.gov.br>

<http://tendaluaze.blogspot.com.br/2010/06/ayan-o-orixa-do-tambor.html>

<https://pt.wikipedia.org/>

[http:// wikidanca.net/wiki/index.php/Maxixe](http://wikidanca.net/wiki/index.php/Maxixe)

<http://www.afreaka.com.br/notas/candomble-origem-significado-e-funcionamento/>

<http://www.curaeascensao.com.br>

<http://www.infoescola.com/danca/carimbo/>

<http://www.meloteca.com/dicionario-instrumentos.htm>

<http://www.mundopercussivo.com/estudos-e-pesquisas/conhecaosinstrumentos/djemb%c3%aa/>

<http://www.orixas.com.br/portal/index.php/orixa>

<http://www.percussionista.com.br/batuque.html>